

TRIBUNA DA

N.º 5 Inverno 2001

# NATUREZA

A VIDA SELVAGEM NAS QUATRO ESTAÇÕES

Ano 2 • Publicação Trimestral de Conservação da Natureza • 450\$00

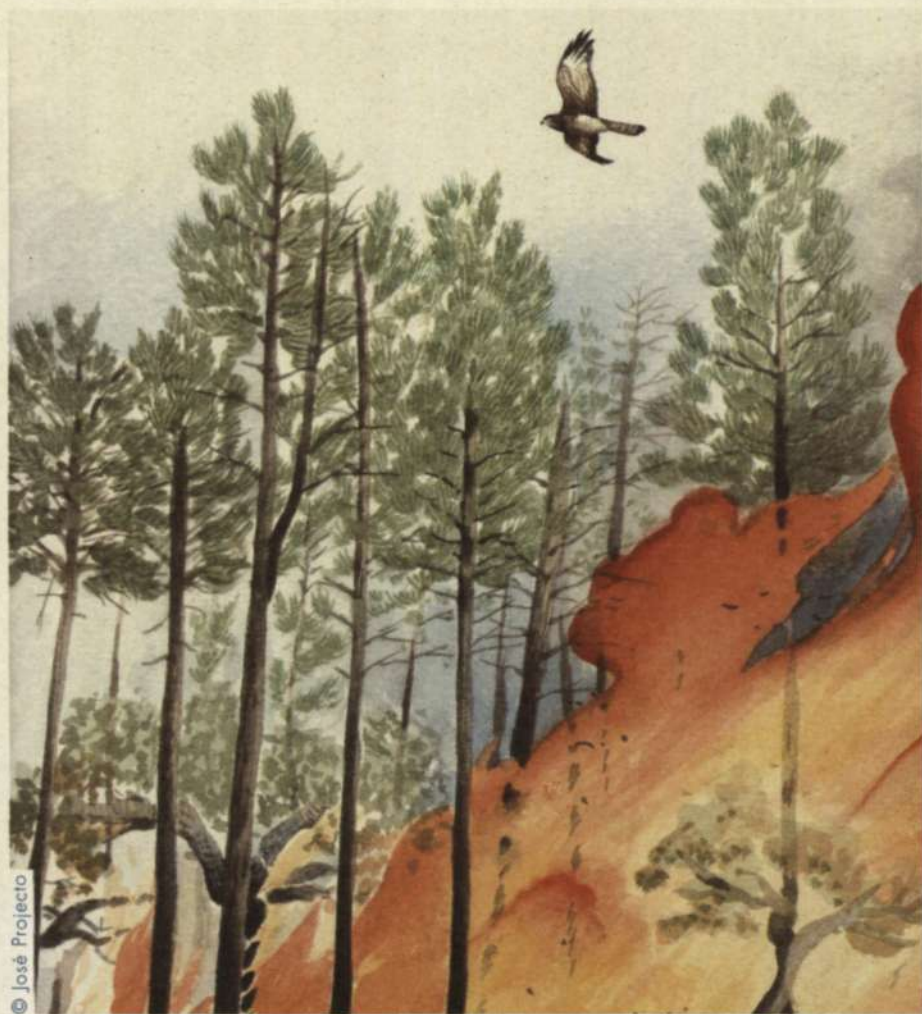


A europa da

# natureza

Gralha-de-bico-vermelho  
em Portugal

Os últimos dias  
antes do Alqueva



© José Projecto

# em destaque

A gralha-de-bico-vermelho figura entre as espécies mais vulneráveis da nossa avifauna. A sua presença, nas últimas falésias que lhe servem de refúgio, está hoje seriamente ameaçada.

Pág. 8 a 11

Estado e ações para a conservação da  
Gralha-de-bico-vermelho  
em Portugal



A Europa é talvez, de todos os cantos do mundo, aquele onde a marca do Homem é omnipresente, deixando pouco espaço para a natureza. Mas a herança natural dos europeus, é ainda assim, valiosa - e conservá-la é um desafio que não pode deixar de ser enfrentado.

Pág. 14 a 16



**A Europeia**  
O crustáceo mais abundante da Europa, a Europeia é um dos mais importantes recursos aquáticos da região mediterrânica. Apesar de ser muito comum, a espécie está ameaçada de extinção devido à poluição e à destruição dos seus habitats.

A construção da barragem do Alqueva traz consigo enormes impactes negativos. Um dos mais importantes poderá ser a destruição da fauna piscícola local, onde se contam vários endemismos.

Pág. 22 a 24

Os últimos dias  
antes do Alqueva



**Não pelo Saramago**  
A construção da barragem do Alqueva vai destruir o habitat de várias espécies de peixes endémicos da região. Um dos mais importantes é o Saramago, um peixe que vive apenas no rio Guadiana.

**Director:**

Miguel Dantas da Gama

**Redacção:**

Bernardino Guimarães - Editor  
Raul Lima - Redactor Principal  
Paulo Caetano - Redactor Principal  
Francisco Álvares  
João Carlos Claro  
João Cosme Matos  
João Loureiro  
Luís Rodrigues  
Paulo Santos  
Rosa Matos (Madrid)  
Serafim Riem

**Concepção criativa:**

Gonçalo Geraldês Cardoso  
Milénio Publicidade e Marketing Comportamental

**Design gráfico:**

Ivone Machado

**Ilustrações:**

José Projecto

**Assinaturas/publicidade:**

Susana Sousa

**Colaboraram neste número:**

António Eloy  
António Martinho Baptista  
Filipa Filipe  
Inês Dantas da Gama  
J. Dias Marques

Publicação independente aberta a pessoas e instituições que se dedicam ao estudo e à defesa da vida selvagem. Tribuna da Natureza não é responsável pelas opiniões dos seus colaboradores quando manifestadas em textos devidamente assinados.

**Edição e propriedade:**

FAPAS - Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens

**Registo ICS:**

nº 123453

**Depósito Legal:**

nº 146895/00

**Tiragem:**

3000 exemplares

**Montagem/impressão:**

Gráfica Claret

**Endereço:**

Rua Alexandre Herculano, 371 - 4º Andar Dto. - 4000 PORTO  
Tel. 22 200 24 72 - Fax 22 208 74 55  
E-mail: fapas@mail.esoterica.pt  
www.fapas.pt

**Capa:**

Abelharuco - João Cosme Matos



# Editorial

O estado da Natureza  
e a natureza do Estado



Chegava o momento, tornado rotina, da redacção da T.N. último a montagem de mais um número da nossa revista. Nos pormenores da capa cujas opções finalizam o processo, uma questão voltou a emergir. Os títulos das peças convergem no mesmo sentido: "o lento declínio...", "...nos últimos redutos naturais", "os últimos sobreviventes...".

Último foi então o esforço de mais uma vez tentar minimizar o impacto da mensagem que Luís Palma – na entrevista à Tribuna do Verão passado – lamentou ser obrigado a transmitir um "biólogo de necrologia".

O papel de "arautos da desgraça" com que também nos vemos confrontados, impõe-nos uma representação que se de todo não nos agrada, assumimos por obrigação.

Se a Tribuna da Natureza não é uma revista de viagens onde tudo é redondo e cor-de-rosa, uma publicação sobre conservação da natureza não tem que assemelhar-se a um triste livro vermelho para onde se remetem plantas e animais ameaçados, vulneráveis ou em vias-de-extinção. Não devia ter, mas em qualquer tema sobre que nos debrucemos a situação repete-se. Neste Inverno sentimos a mesma pressão. Se não vejamos.

Dos emblemáticos animais selvagens que principalmente do Gerês foram desaparecendo, restam-nos memórias que apenas se podem ler, em testemunhos que há três séculos já prenunciavam partidas sem regresso. Foi assim no passado recente.

Se nada fizermos também pela escassa população de gralha-de-bico-vermelho, esta cada vez mais rara e mítica espécie vai engrossar o álbum das recordações. O presente é cada vez mais assim.

E o futuro como se anuncia? No Alqueva vão apagar-se trilhos de sempre em ecossistemas a submergir.

Será este o inevitável tom do discurso reservado a quem se bate por causas perdidas? Mas porquê perdidas? E o que as vai fazendo perdidas?

O estado da Natureza reflecte a natureza do Estado.  
E o Estado o que é?

Encurralados que estamos no mesmo barco, enquanto alguns têm – por decisão voluntária e compromisso assumido – a responsabilidade acrescida de lhe dar o rumo, todos somos obrigados a mantê-lo navegável. Mas a força de remadores voluntariamente empenhados e descomprometidos, esses também em vias-de-extinção, é energia que não basta para contrariar os efeitos dos rombos que se alargam e nos ameaçam em águas profundas. ■

Miguel Dantas da Gama

# Barómetro da estação

## Bom tempo ou tempestade?

O mega-empendimento turístico projectado para a falésia da Aldeia do Meco e a frontalidade com que o Ministro do Ambiente e do Ordenamento do Território a ele se opôs, foi tema que mereceu já destaque neste espaço da T.N. No reconhecimento que fizemos na altura à posição assumida pelo Ministro José Socrates manifestamos a esperança para que este caso se tornasse exemplar em termos de oposição às agressões generalizadas a que o nosso território incontroladamente é sujeito.

Mas nesta rara situação em que ao mais alto nível do Governo, da hierarquia do Estado, existe uma clara determinação para impedir (mais) um tão evidente atentado, agigantam-se ameaças que, diz-se até, podem pôr em causa as boas relações entre Portugal e a Alemanha, uma vez que os promotores germânicos do empreendimento acusam o Estado português de não atender a interesses que legalmente devem ser respeitados.

É uma embrulhada que só atesta os atropelos e a forma inconsequente como os "dossiers" nesta área (não) foram sendo conduzidos.

Este caso deve pois ser seguido com atenção. O seu desfecho poderá contrariar a fatal tendência de destruição do nosso património natural, ou, simplesmente confirmá-la se a solução para ele encontrada for acordar um "compromisso que satisfaça ambas as partes". Neste caso tal poderá corresponder a um "emagrecimento" do projecto nesta fase inicial. Com o engenho e a arte que os portugueses melhor dominam, será fácil trabalhar para que mais tarde o agressivo empreendimento adquira finalmente os contornos que agora se ambicionam.

O acordo a que não se chegou em Novembro passado em Haia, na Conferência do Clima (COP-6) e o consequente agravamento do efeito de estufa que inevitavelmente vai acelerar, é a prova da cegueira generalizada que atinge a nossa civilização. Unidos, estamos todos a trabalhar para uma cientificamente anunciada e portanto previsível

**Grande Tempestade.** A avaliação do IPCC (Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas) divulgada em Janeiro, confirma o Homem como grande responsável, num cenário mais pessimista.

M. D. G.



# O leitor na Tribuna

Caros amigos da Tribuna da Natureza:

Pensado desde o início, abrimos agora, no arranque deste segundo ciclo, o espaço devido a quem nos lê, e onde esperamos ver reflectidas as experiências de campo e as opiniões dos que procuram a Tribuna da Natureza pelas mesmas razões que a nós nos levaram a editá-la. Têm sido muitas as sugestões e as informações dos leitores que em número crescente demonstram uma grande convergência de ideias e preocupações na forma como vêm evoluir o estado da natureza, da vida selvagem em Portugal. A todos manifestamos o nosso reconhecimento, pela forma, por vezes entusiástica, como sentimos valorizado este projecto editorial.

ooo

"Dia 7 de Outubro (de 2000) na Ermida de Santo André, em Almofala, perto da raia sobre penhascos do rio Águeda..."

"...Desde que chegamos notamos de imediato a presença de várias aves de grandes dimensões a voarem em círculos sobre as nossas cabeças. Eram abutres..."

"... De uma só vez contei 21 sobre mim..."

"...Foi um espectáculo magnífico e absolutamente inesquecível."

Margarida Cepeda

ooo

"... O vosso projecto editorial merece da nossa parte, o mais vivo apoio".

"...Vem preencher uma lacuna no nosso mercado editorial"

Fernando Maia Pinto

Director do Parque Arqueológico do Vale do Côa

ooo



Paula Santa Rita

"...Entre os meses de Junho e Outubro (de 2000) vi 5 raposas mortas na estrada Viana-Valença e não faço estas viagens diariamente. Coincidência ou índice de uma média assustadora?"

Paula Santa Rita  
Alife

n.t. : esta leitora enviou-nos um conjunto de fotografias que confirmam, como prova a imagem que se reproduz, o teor da sua carta.

Agradecemos ao Drº Fernando Manuel Gomes de Matos, Presidente da Comissão Directiva do Parque Natural da Serra da Estrela, as palavras e a disponibilidade, esta entretanto comprovada.

A Redacção

# Encontros imediatos na NATUREZA

## Registo T.N. 06

*Neophron percnopterus* (Abutre-do-Egipto)

**Data:**

2000.Junho.29

**Local:**

Sierra de la Gamoneda (Espanha), perto da Lama Grande (P.N. de Montesinho).

**Hora e duração:**

Entre as 13h30m e as 14h00, alguns minutos apenas.

**Distância:**

Nunca menor de 100 metros, muito variável.

**Condições atmosféricas:**

Tempo limpo.

**Observadores:**

Carlos Nuno Ferreira Cunha, Carlos José Cunha e David Amaro.

**Outros dados:**

Conjunto grande de rapinas (provavelmente grifos) voando em círculos. O abutre-do-Egipto voava junto, mas mais alto.

## Registo T.N. 07

*Capreolus capreolus* L. (Corço)

**Data:**

2000.Junho.29

**Local:**

P.N. Peneda-Gerês, nas proximidades de Pitões das Júnias, junto à Fraga de Brazalite, na face sul.

**Hora e duração:**

Entre as 17h30m e as 18h30m, alguns minutos apenas.

**Distância:**

Cerca de 150 metros.

**Condições atmosféricas:**

Tempo limpo.

**Observadores:**

Carlos Nuno Ferreira Cunha.

**Outros dados:**

Eram dois indivíduos, macho e fêmea.

## Arquivo da Tribuna da Natureza

## Índice dos temas aprofundados nas quatro primeiras estações

Secção	Tema	Publicação
Grande destaque	Lince-ibérico em Portugal e Espanha	Nº 3 Verão 2000
Destaque – Estudo da natureza	O lobo-ibérico no Noroeste de Portugal Tartaranhão-caçador no Alentejo Rato-do-campo	Nº 1 Inverno 2000 Nº 2 Primavera 2000 Nº 4 Outono 2000
Destaque – Defesa da natureza	Áreas protegidas– um tesouro mal guardado A Convenção de Washington Carvalho galaico-português Rododendros Fauna selvagem morta nas estradas	Nº 1 Inverno 2000 Nº 2 Primavera 2000 Nº 3 Verão 2000 Nº 3 Verão 2000 Nº 4 Outono 2000
Tribuna internacional	Gorilas da montanha Reintrodução de espécies Quebra-ossos ibérico Urso-pardo ibérico	Nº 1 Inverno 2000 Nº 2 Primavera 2000 Nº 2 Primavera 2000 Nº 4 Outono 2000
Natureza actual	A arqueologia e a conservação da natureza Os coleópteros do P.N. da Serra da Estrela Clássicos da natureza (série): 1- Aldo Leopold Fogos em áreas protegidas Conservação do litoral português	Nº 1 Inverno 2000 Nº 3 Verão 2000 Nº 3 Verão 2000 Nº 4 Outono 2000 Nº 4 Outono 2000
Ecologia prática	À hora do mocho (série sobre astronomia nas 4 estações) Leituras selvagens (série sobre pistas e sinais na natureza): Cap.1 – “assinaturas na terra” (pegadas)	Nºs 1,2,3 e 4 – 2000 Nº 3 Verão 2000



# À hora do mocho

Raul Lima  
O céu circumpolar (ao centro, Polaris)  
200 mm, f/3.5, 30 min., 12/1985, Porto, Ektachrome 400

## Astrofotografia básica

Antes de nos dedicarmos à já prometida observação pormenorizada de algumas constelações e objectos celestes, vamo-nos dedicar a fotografar o céu nocturno com um equipamento básico. Fotografias talvez sem a espectacularidade de uma galáxia, nebulosa ou planeta obtidas através de um telescópio mas que, bem planeadas, podem trazer resultados surpreendentes.

É relativamente fácil obter boas fotografias com pouco equipamento: uma câmara fotográfica e, idealmente, um tripé e um disparador de bicha, para evitar que saiam tremidas. A câmara não tem que ser sofisticada: pelo contrário, quanto mais simples, melhor. Essencial é que possua os modos pose (posição B do obturador) ou tempo (T), para que o filme possa ser exposto por períodos de vários minutos ou horas. Se não funcionar a pilhas, tanto melhor! Estas gastam-se rapidamente em poses prolongadas e mais ainda nas noites frias – e as luzes dos leds podem prejudicar as fotografias.

Adiante. Regra número um na astrofotografia que todo o principiante deve seguir: experimentar! O filme (P&B, cores, diapositivos) a usar deverá ser de sensibilidade elevada, entre 200 e 1600 ISO, que encontrará em várias lojas de material fotográfico. Quanto mais sensível o filme, menor o tempo de exposição requerido mas maior o grão da imagem. 400 ISO é uma boa escolha para começar (e pode mesmo ser revelado a 800 ISO ou 1600 ISO, mas vamos deixar isso de parte por agora).

A objectiva da máquina deverá ter uma abertura generosa (idealmente f/1.4 mas até f/4 é ainda possível fazer astrofotografia). Um conselho: a menos que a lente seja de grande qualidade, não a utilize na sua abertura máxima mas sim na primeira ou segunda posições seguintes de diafragma. Tal medida destina-se a diminuir o efeito de aberrações das objectivas (astigmatismo, em particular). Quanto à distância focal da objectiva, tal depende apenas... do objectivo. Grandes angulares (18, 28 mm) permitem fotografar várias constelações simultaneamente e são interessantes em longas exposições registando o movimento aparente das estrelas, correspondente ao movimento de rotação da Terra. Tente incluir a Estrela Polar nestas exposições. Com o resultado, perceberá melhor porque se denomina ela assim (v. tb. Tribuna da Natureza N° 1). Distâncias focais de 35, 50 e 70

ou 80 mm permitem fotografar constelações isoladas, conjunções de planetas ou destes com a Lua, paisagens com estrelas, o que lhe ocorrer. Distâncias focais maiores (135, 200, até aos 400 mm) permitem fotografar pormenores em constelações. Experimente, por exemplo, com as Plêiades ou a Nebulosa de Orion.

Por fim, o tempo de exposição. Uma maneira de obter resultados cada vez melhores é tirar várias fotografias ao mesmo objecto com diferentes tempos de exposição. Comece, por exemplo, com 5 s, depois 10, 15, 30 s, 1 m, 2 minutos -



Raul Lima  
Constelação do Cocheiro (ao centro, Capella), com árvore e nuvens  
50 mm, f/1.4, 1 min., 12/1985, Janarde, Serra da Freita, Ektachrome 400



Raul Lima  
Constelação dos Gémeos  
50 mm, f/1.4, 1 min., 12/1985, Janarde, Serra da Freita, Ektachrome 400

anote sempre e, após a revelação, escolha o(s) tempo(s) que melhores resultados proporciona(m). Nas próximas vezes que fotografar esse ou outro objecto parecido em condições semelhantes, já sabe à volta de quanto tempo deverá deixar o obturador aberto. Se tiver acesso a mais do que um tipo de objectiva, repita o processo para vários objectos.

Tenha em conta que quanto mais afastado o campo visual estiver do Polo Norte Celeste (ou seja, de Polaris, aproximadamente), mais rápido é o movimento das estrelas no céu e menor deverá ser o tempo de exposição se quiser evitar os rastros deixados pelos astros no filme. Como valores aproximados para se obterem estrelas pontuais (i.e., sem arrastamento), não vá além dos 10-15 s para uma lente de 50 mm e dos 5-7 s para uma de 200 mm. Porém, se passar desses valores, conseguirá capturar no filme estrelas de melhor brilho. Assim, é tudo uma questão de compromisso. Mais uma vez: experimente!

Se quiser tentar fotografar um meteoro, deverá deixar a máquina exposta vários minutos ou mesmo horas, com uma objectiva de 50 mm ou menor.

## Alguns conselhos finais

- A 1ª fotografia do rolo deverá ser tirada à luz do dia ou a uma luz artificial, para evitar problemas na calibração das máquinas de revelação automáticas.
- Anote sempre todos os dados para cada fotografia que tirar: o rolo utilizado, a data e a hora, a objectiva e abertura, o objecto celeste fotografado, o tempo de exposição e outros dados que julgue relevantes. Ser-lhe-ão úteis para futuras fotografias.
- Deverá, claro, escolher locais com pouca poluição luminosa e noites sem lua. Caso contrário, deverá encurtar um pouco as suas exposições e proteger também a lente com um resguardo para que nela não incida luz parasita.
- Com a inclusão de cenário no enquadramento (uma paisagem, árvores, casas, pessoas, ...) consegue-se um efeito de escala e resultados quase sempre mais interessantes. Como sempre: experimente!
- É natural que, nas primeiras vezes, algumas fotografias lhe saiam sem qualquer estrela. Não desista! Verifique as suas notas e veja o que pode ter corrido mal. Uma possibilidade de insucesso é:
- A condensação, que arruina várias fotografias! Verifique regularmente (entre as exposições) se a lente não embaciou!

## ☉ Sistema Solar neste trimestre

Júpiter e Saturno pairam, próximos, alto no céu, em Touro: o primeiro um pouco abaixo e a Este das Plêiades e o segundo, menos brilhante, abaixo e a Oeste daquele enxame. Com a vermelha Aldebaran próxima, é uma vista a não perder. A Lua estará em conjunção com estes planetas a 2 de Fevereiro, com Saturno a 1 de Março e com Aldebaran na noite seguinte.

Vénus continua visível ao fim da tarde, bem alto a Oeste, e assim ficará até meados de Março. Um autêntico farol.

Marte nasce por volta das 2h 15' a ESE a 1 de Fevereiro e pela 1h35 a 1 de Março. Com Antares por baixo, formará um par avermelhado a observar. ■

Raul Lima

Licenciado em Astronomia



# Preservar o Ambiente Cuidar o Futuro

■ Controle e monitorização da qualidade do ar



■ Implementação e manutenção de espaços verdes

■ Novo Regulamento Municipal de Resíduos Sólidos Urbanos e Limpeza Pública.



■ Sistema de recolha selectiva multimaterial:  
Ecocentros, Ecopontos, Recolha porta-a-porta,  
Ecofone 800 200 345.



**Câmara Municipal do Porto – Pelouro do Ambiente**

Direcção Municipal do Ambiente e Serviços Urbanos – Rua de S. Dinis, 249 – Telef.: 8349490 – Fax: 8349499  
Gabinete do Ambiente – Rua da Restauração, 252 – Telef.: 6098291 – Fax: 6098296



# Leituras Selvagens

Capítulo II

## Pelo bico cai a ementa

Tivéssemos o poder de encomendar uma manhã e seria como esta, no princípio do último Outono. Do nevoeiro da madrugada em que fez frio, subsistem, iluminadas pelo Sol, faixas tênues e oblíquas de ar saturado de água e também por uma nuvem de insectos que brilham em contraluz. Por entre a folhagem policromática de carvalhos, padreiros e azevinhos, os raios conseguem romper até atingir o chão orvalhado do bosque. As bolotas espalham-se na densa camada de matéria vegetal que o reveste, algumas roídas por esquilos e ratos-do-campo que nesta época criam reservas. O ar está fresco mas pressente-se que ainda vai aquecer. O ambiente envolve-nos com algum mistério e outra tanta magia adensados pela alternância de luz e de sombras que ora atinge com intensidade ora partem negras, sobretudo dos troncos de maior porte. Domina o silêncio neste reduto de carvalho da Serra da Peneda, que a mão do homem tornou raro. Perguntassem-nos o que faltava e a resposta não tardaria: parar o tempo, alongando o disfrute, sem travar a vida, que não se fazendo ouvir, é aqui agitada por protagonistas em cujo encaço estamos mais uma vez empenhados. As pegadas, que identificámos no capítulo I de Leituras Selvagens (1) são agora imperceptíveis tal é o emaranhado da lenha que, apesar do esforço, não conseguimos evitar que estale sob as espessas solas das nossas botas de montanha, denunciando-nos e tornando mais difícil surpreender um qualquer mimético bicho selvagem.

Já tínhamos somado algumas horas de caminhada quando uma pequena mancha esbranquiçada na base de um grande azereiro foi o sinal que nos atraiu ao encontro de um dos mais curiosos achados com que é possível confirmar a presença de várias espécies da nossa avifauna, sem que tal implique a sua observação directa. No chão sobressaem duas pequenas bolas alongadas, lisas, lustrosas, acinzentadas, parecendo polidas. No nosso subconsciente desenha-se sugestivamente a silhueta do animal que as produziu. Ainda imaginando, torna-se audível um pio tremente e borbulhante, um dos mais belos sons da natureza. Com toda a certeza, uma coruja-do-mato parou por aqui!

Após o dismantelamento dos alimentos, é ainda na moela, dotada de musculadas paredes e necessária devido à ausência de um órgão mastigador, que em certas aves é feita a separação entre as matérias a digerir pelo estômago e as que não são assimiláveis. Estas últimas são então compactadas em bolas e expelidas por via oral não apenas por águias, abutres, falcões, mochos, corujas e milhafres, mas também por garças, cegonhas, gaivotas e limícolas.

É o que a seguir acondicionamos numa das caixas de diapositivos que normalmente nos servem de primeiro armazém de amostras: duas egagrópilas, regurgitações ou também designadas plumadas.

Normalmente as suas forma e tamanho são um indicador fiável do animal que as expeliu. A confirmação da ocorrência de uma espécie em determinado habitat é por esta via o primeiro dado que se obtém. Mas o exame do conteúdo da egagrópila traz muita mais informação. As rapinas nocturnas têm tendência para engolir as suas presas inteiras pelo que o "recheio" das regurgitações é mais "completo". É o que mais tarde constatamos com as duas amostras recolhidas. Uma vez separados dos pêlos que os envolvem, o que se torna fácil, com alguma paciência e cuidado, amolecendo as plumadas em água, reconstituimos os esqueletos inteiros de três musaranhos, no decorrer de um processo em que o conhecimento se obtém com expectativa.

Mais ou menos a sensação que um técnico de fotografia experimenta ao ver surgir na tina fixadora a imagem de algo interessante que desconhecia ter fotografado. Noutros casos, os pêlos dão lugar a penas, as ossadas são então de pequenas aves. Com a egagrópila dissecada conhece-se a dieta de que depende neste caso a coruja-do-mato e a disponibilidade de presas de que beneficia. Considerando que o intervalo de tempo entre regurgitações é constante para cada espécie e que estas normalmente utilizam os mesmos poisos é possível tirar ilações sobre quanto comem e o que comem ao longo de cada época do ano. Em suma, dados sobre a biologia do predador mas também sobre a ocorrência das presas e sobre a interdependência que os une, importantes para estudos de avaliação do estado de conservação de um determinado ecossistema.

Durante a nossa jornada ainda nos cruzámos com outros sinais, pistas diversas para seguir e sentir animais diferentes. Deles falaremos em próximo capítulo.

O dia aqueceu de facto, mas depressa as temperaturas caíram arrastadas pelo Sol, que lentamente se foi deitando para lá dos picos que mais se elevam, a poente. Um dia de Outono é assim, mais ainda, quando a luz se extingue não sem antes pôr ao rubro escarpas definidas por nítidos contornos rigorosamente delineados no céu tendencialmente mais límpido da montanha.

No lusco-fusco, com a caminhada quase terminada, estamos agradavelmente cansados. HOOOOH...UUO...UUUUU! O mesmo pio intermitente, trémulo na parte final, romântico e melancólico, agora é real. Para a nocturna coruja-do-mato, é o descanso que termina. Não tarda, novas plumadas rolarão talvez ainda sob a copa perene do velho azereiro, que entretanto mergulhado na mais profunda escuridão do bosque antigo, assistirá às agéis e silenciosas caçadas desta rapina, incansavelmente movida pelo instinto e pela sobrevivência. ■

(1) ver "Assinaturas na terra" na Tribuna da Natureza nº3, Verão de 2000.

Miguel Dantas da Gama



Situação e notas para a conservação da  
**Gralha-de-bico-vermelho**  
em Portugal

Francisco Álvares\*





A Gralha-de-bico-vermelho (*Pyrrhocorax pyrrhocorax*, L., 1758) foi uma das primeiras aves selvagens a ser alvo de censos e estudos ecológicos aprofundados a nível nacional. Com base nos resultados destes estudos realizados por João Carlos Farinha, durante o final da década de 80, constatou-se que a população nacional de gralha-de-bico-vermelho encontrava-se ameaçada por vários factores e enfrentava uma forte tendência regressiva, sugerindo-se medidas concretas de conservação. Consequentemente, através do SNPRCN (actual Instituto da Conservação da Natureza), foi efectuada uma campanha de sensibilização dos problemas de conservação desta espécie, através da publicação de diverso material divulgativo e científico, que é igualável à famosa campanha "Salvem os Lince e a Serra da Malcata". Dez anos passaram desde a realização deste estudo e das campanhas de sensibilização, e nada foi feito no terreno para contrariar a regressão da gralha-de-bico-vermelho em Portugal. Mais do que isso, não foi implementada qualquer estratégia nacional de conservação ou de monitorização desta espécie. Isto é, a gralha-de-bico-vermelho acabou por cair no esquecimento da nossa comunidade conservacionista.

Com vista a contrariar o desconhecimento da situação actual da gralha-de-bico-vermelho em Portugal, neste artigo faz-se uma actualização da distribuição e tamanho populacional desta espécie, com base na compilação de informação inédita dispersa por vários ornitólogos. Além disso, é efectuada uma referência à regressão da gralha nas zonas de montanha do Noroeste do País, tendo como base os resultados dum estudo executado recentemente.

A gralha-de-bico-vermelho é uma das sete espécies da família dos Corvídeos (à qual pertencem o gaio, a pega e o corvo, por exemplo) que ocorre em Portugal. No entanto, esta espécie, de dimensões médias e plumagem completamente negra que contrasta com as patas e o bico curvo vermelho vivo, é bastante distinta dos restantes corvídeos nos seus comportamentos. Com efeito, à parte das características vocalizações e voos acrobáticos, é a única espécie especialista no que diz respeito às exigências de habitat e alimentação, consumindo exclusivamente insectos e ocupando zonas onde se pratica uma agricultura e pastorícia tradicional.

A gralha-de-bico-vermelho é uma espécie de vasta mas descontínua distribuição Euro-asiática. Na Europa reparte-se por grande parte da Península Ibérica e localmente pela Grã-Bretanha, Irlanda, França, Itália, Sardenha, Sicília e Península Balcânica. No que diz respeito à Península Ibérica, em Espanha este corvídeo possui uma população bastante numerosa e bem distribuída. Em Portugal, a gralha-de-bico-vermelho é uma espécie classificada pelo Livro Vermelho dos Vertebrados em Portugal, como sendo "Vulnerável" e em regressão.

Os únicos censos nacionais de gralha-de-bico-vermelho até à data, foram realizados por João Carlos Farinha, em 1986-1988 e em 1990, tendo localizado 6 áreas de reprodução em todo país. Desde essa data mais nenhum censo à escala nacional foi efectuada. Neste artigo é apresentada, de forma inédita, a distribuição (Figura 1) e a situação populacional (Tabela 1) desta espécie em Portugal em 1998, com base na compilação da informação disponível nas áreas protegidas onde ocorre (que resulta de censos mais ou menos contínuos efectuados pelo esforço e interesse de determinados guardas e vigilantes da Natureza) e nos resultados dum censo da população no NW de Portugal efectuado durante 1998, pelo autor, conjuntamente com técnicos do Parque Nacional Peneda-Gerês e Parque Natural do Alvão.

Foram detectadas 9 áreas onde ocorrem núcleos reprodutores de gralha-de-bico-vermelho, embora em alguns deles a nidificação não esteja confirmada (Figura 1 e Tabela 1). Verificamos que a maioria das áreas de reprodução na actualidade são constituídas por um reduzido número de indivíduos, excepção feita ao Douro Internacional e à Serra de Aire e Candeeiros, autênticos santuários para esta espécie em Portugal. De salientar que os valores populacionais obtidos para cada núcleo são o número total de indivíduos durante o Inverno, em cada área de reprodução, o que corresponde a um número bastante menor de aves adultas reprodutoras (normalmente 30-40% da população total no Inverno). Além destas áreas há a acrescentar mais duas de ocorrência actual possível ou de recente extinção (Idanha-a-Nova e Serra do Marão), uma vez que, apesar da ausência



FIGURA 1 Situação actual da gralha-de-bico-vermelho em Portugal.

de observações recentes, a presença desta espécie estava confirmada há poucos anos atrás (Tabela 1).

Além dos núcleos de reprodução, foram também localizadas áreas onde ocorreram, durante a década de 90, observações esporádicas e irregulares de gralha-de-bico-vermelho, que envolveram bandos com poucos indivíduos (Figura 1 e Tabela 2). Estas observações podem indicar a proximidade de pequenos núcleos reprodutores desconhecidos ou, mais provavelmente, zonas de dispersão, que quando o habitat é favorável, poderão constituir áreas de recolonização (e.g. Serra da Arrábida e Serra de Sintra).

Com base nos resultados obtidos para 1998, verifica-se que foram detectados um maior número de núcleos de reprodução de gralha-de-bico-vermelho, relativamente aos censos de 1986 e 1990. Contudo, tal facto não se deve a uma melhoria populacional, mas sim a um incremento do esforço realizado e do conhecimento do património natural existente no nosso país. Com efeito, nos novos núcleos reprodutores detectados (Rio Chança e Serras do Barroso, Alvão e Montesinho), existem referências da nidificação pelo menos desde a década de 70.

### Tabela 1

Núcleos populacionais (em número de indivíduos no Inverno).

NÚCLEOS	1986	1990	1998 (Nidificação)
1. Peneda-Gerês	30-70 <sup>a, b</sup>	30-60 <sup>a, b</sup>	30 <sup>b</sup> (Confirmada)
2. Douro Internacional	300 <sup>a</sup>	300 <sup>a</sup>	100-150 <sup>e</sup> (Confirmada)
3. Serra da Estrela	15 <sup>a</sup>	70-100 <sup>f</sup>	35-40 <sup>f</sup> (Provável)
4. Serra de Candeeiros	250 <sup>a</sup>	150 <sup>a</sup>	135-140 <sup>g</sup> (Confirmada)
5. Idanha-a-Nova	10 <sup>a</sup>	.. <sup>a</sup>	?
6. Costa Sudoeste	150 <sup>a</sup>	60 <sup>a</sup>	80-90 <sup>h</sup> (Confirmada)
7. Serra do Barroso	?	<10 <sup>b</sup>	<10 <sup>b</sup> (Provável)
8. Serra do Alvão	>10 <sup>b</sup>	<10 <sup>b</sup>	<10 <sup>b</sup> (Provável)
9. Serra do Marão	<10 <sup>b</sup>	<10 <sup>b</sup>	?
10. Rio Chança	?	?	<10 <sup>d</sup> (Provável)
11. Montesinho	?	?	<10 <sup>c</sup> (Provável)

<sup>a</sup>(Farinha, 1991); <sup>b</sup>(Álvares et al., 1998); <sup>c</sup>(Reino, 1994); <sup>d</sup>(J. Figueira, com. pess.); <sup>e</sup>(A. Monteiro, com. pess.); <sup>f</sup>(J. Diamantino, com. pess.); <sup>g</sup>(F. Barros, com. pess.); <sup>h</sup>(C. Noivo, com. pess.)

### Tabela 2

Observações isoladas durante a década de 90.

ZONA	MÊS/ANO	Nº INDIV	OBSERVADOR
Arrábida	Outubro/93	2	F. Álvares
Alcochete	Novembro/93	1	D. Leitão
Sintra	Outubro/93	10	P. Catry et al. in Neves & Costa, 1995
Neves Corvo	Julho/94	4	R. Leal
Rio Ardila/Moura	Maio/98	5	J.P. Ferreira
Mina S. Domingos	Primavera/91	1	P. Rocha
Larouco	Novembro/00	1	F. Álvares





Francisco Álvares

# A grande vítima do progresso do meio rural

Praticamente por toda a sua área de distribuição mundial, a gralha-de-bico-vermelho tem sofrido uma regressão nos últimos dois séculos, o que já levou à sua extinção em muitas regiões. A regressão generalizada desta espécie a nível mundial deve-se, principalmente, ao abandono e às alterações dos sistemas tradicionais de agricultura e pastoreio extensivo, como consequência da tecnologia moderna. Com efeito, por ser insectívora, esta espécie torna-se bastante sensível a pesticidas e insecticidas, e à estabulação dos animais domésticos, pois estes deixam de pastorear nos campos, deixando igualmente de estar disponível uma grande quantidade de insectos (de que as gralhas se alimentam) associados aos seus dejectos. A gralha-de-bico-vermelho tem, assim, uma grande relevância como espécie-indicadora da qualidade ecológica do habitat onde ocorre, nomeadamente de agrossistemas tradicionais.

A acentuada regressão da gralha-de-bico-vermelho em Portugal foi já detectada por João Carlos Farinha, quando em finais da década de 80, não encontrou a espécie em locais onde a sua nidificação estava referida durante meados deste século (Serras de Montejuento, de Sicó, de Aire, Cabo da Roca e Costa Alentejana). Além disso, este investigador, baseado nos censos que efectuou em 1986 e 1990 verificou uma regressão populacional de 30%, somente neste período de 4 anos. O mesmo é evidente pela análise da Tabela 1, comparando os efectivos populacionais obtidos nos censos de 1986, 1990 e 1998, o que poderá ser ainda mais acentuado se considerarmos

que algumas das estimativas populacionais efectuadas por Farinha poderão estar subestimadas (e.g. Serra da Estrela).

Outro exemplo da regressão desta espécie em Portugal, mas a uma escala mais restrita é a que se verificou nas serras do Noroeste de Portugal. Em tempos históricos, a presença da gralha-de-bico-vermelho nas serras do Norte de Portugal seria comum, tendo em conta os frequentes topónimos derivados de gralha, que é o nome vulgar e exclusivo na região para a



Francisco Álvares



gralha-de-bico-vermelho. Outra prova da abundância histórica desta espécie é a sua presença no adagiário popular, em que tal como acontece na Galiza, as movimentações dos bandos de gralha-de-bico-vermelho eram utilizados pelas populações rurais como indicadores meteorológicos. Exemplo deste facto é o adágio existente nas aldeias do Alto Cávado/Barroso: "Vão as gralhas para a Ribeira, temos soalheira" e "Vão as gralhas para o Barroso, temos tempo invernos". Com base nos resultados de um estudo recente, mencionado anteriormente, foram confirmados 8-12 casais reprodutores, distribuídos por 5 núcleos nas Serras da Peneda-Gerês, do Alvão-Marão e do Barroso, enquanto que na década de 70 se estimou na mesma área um mínimo de 36-39 casais distribuídos por 13 núcleos reprodutores. Tal facto torna-se mais preocupante se considerarmos que 75% da população nidificante estimada em 1998, a qual tem sofrido uma acentuada regressão nas últimas décadas quer no que diz respeito ao número de colónias, quer ao número de casais reprodutores, ocorre dentro de áreas protegidas, uma delas com estatuto de parque nacional (Parque Nacional da Peneda-Gerês).

A população portuguesa de gralha-de-bico-vermelho com base nos dados obtidos para 1998, pode estimar-se entre os 400 e 500 indivíduos, correspondendo a menos de 80 casais nidificantes, distribuídos por vários núcleos isolados entre si (Tabela 1). Tal facto, faz desta espécie uma das mais ameaçadas e raras a nível nacional.

É, assim, evidente o estado crítico da gralha-de-bico-vermelho em Portugal o que leva à necessidade urgente da monitorização contínua e da definição de uma estratégia de conservação para uma espécie para a qual quase nada tem vindo a ser efectuado.

O ordenamento e a fiscalização da prática de montanhismo (particularmente escalada), uma boa gestão e calendarização das queimadas nas áreas de alimentação da gralha-de-bico-vermelho, bem como apoios à manutenção das formas tradicionais de agricultura e pastorícia, são



Francisco Álvares

imprescindíveis para a salvaguarda desta espécie. Além disso, é urgente e prioritário o desenvolvimento de estudos aprofundados que visem o conhecimento da distribuição e de parâmetros ecológicos, tal como a produtividade e a selecção e utilização dos biótopos de nidificação e alimentação. Só assim, se poderá obter informação científica e credível, para a elaboração de uma estratégia regional ou nacional de conservação da gralha-de-bico-vermelho, que deverá urgentemente ser posta em acção.

\*Biólogo do Centro de Biologia Ambiental/Faculdade de Ciências de Lisboa

#### COLABORE NA CONSERVAÇÃO DA GRALHA-DE-BICO-VERMELHO

A conservação da gralha-de-bico-vermelho passa por um melhor conhecimento das suas distribuição e situação populacional, sendo por isso importante a compilação de informação, dispersa pelos ornitólogos ou naturalistas em geral.

Com este objectivo solicita-se o envio de dados sobre observação da gralha-de-bico-vermelho (data, local, UTM 1x1Km, nº de indivíduos) para o endereço [falvares@fc.ul.pt](mailto:falvares@fc.ul.pt)



Francisco Álvares

ARRIBAS DO DOURO  
Um dos últimos santuários da gralha-de-bico-vermelho





O novo logotipo do Parque Biológico de Vila Nova de Gaia simboliza a modernidade da instituição, na continuação do trabalho iniciado há 18 anos.

O tronco do projecto continua a ser a Educação Ambiental e a Descoberta da Natureza, representadas pelo adulto que observa e a criança que pergunta.

Desse tronco nasce uma árvore: a **Empresa Municipal Parque Biológico**, uma nova forma de gestão deste espaço onde a fauna, a flora, o Homem e a sua cultura são elementos sempre presentes.

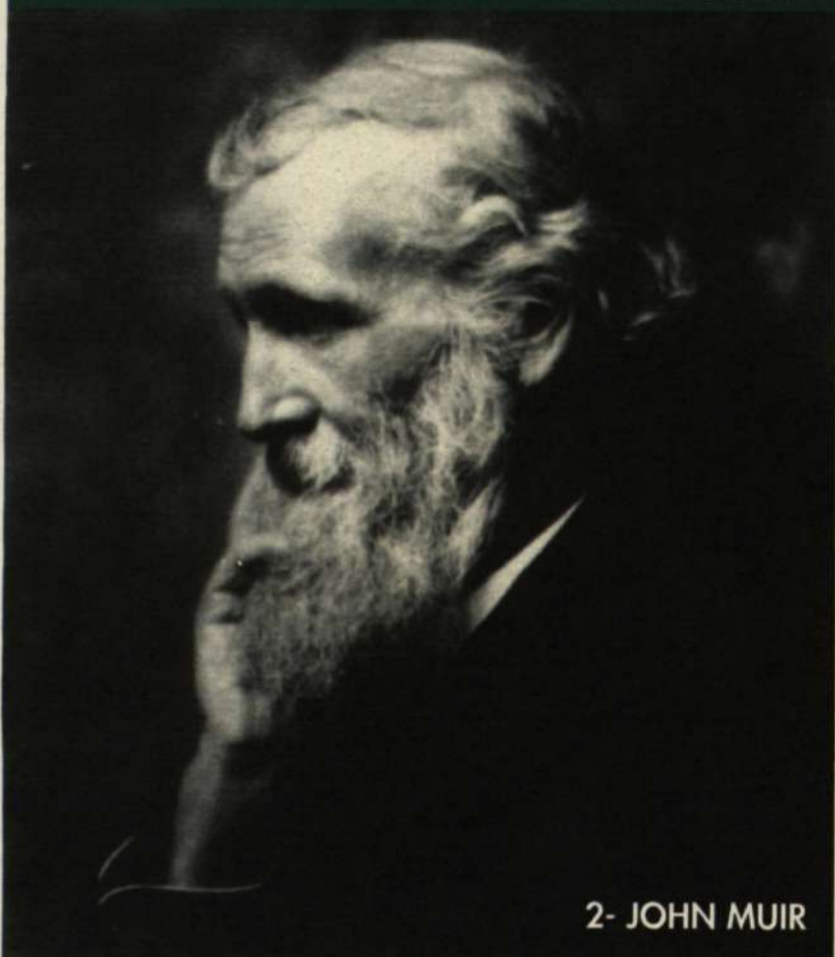


PARQUE BIOLÓGICO - 4430 - 757 AVINTES  
Tel. ++ 351 227 878 120 - Fax ++ 351 227 833 583  
E-mail: pbmgaia@mail.telepac.pt - [www//http:parquebiologico.pt](http://www.parquebiologico.pt)  
Contribuinte nº 504888773



# Clássicos

da Natureza



2- JOHN MUIR

Nasceu em Dunbar, na Escócia, em 1838. Mas foi como pai da conservação da natureza na América que John Muir se tornou conhecido e célebre em todo o mundo.

No entanto, para isso muito contribuiu a sua infância na terra natal. Foi aí que aprendeu a ver o mundo natural com olhos de ver. Ele próprio escreveu: *No tempo da minha infância na Escócia, tudo na natureza me interessava... Adorava vagabundear pelos campos ouvindo o cântico dos pássaros, e pelas praias a observar e admirar as conchas, as algas, as enguias e caranguejos nas poças que a maré baixa descobria; e o melhor de tudo era observar as ondas durante as terríveis tempestades que desabavam trovejando sobre os negros promontórios e as ruínas dos penhascos do velho castelo de Dunbar.*

John Muir foi um dos grandes fundadores do espírito ambiental moderno. Esta sua frase revela bem como o contacto com a natureza na infância pode deixar as mais profundas marcas num espírito generoso e sensível.

Em 1849, a família emigrou para o Wisconsin, na América do Norte, e fixou-se na agricultura. John teve uma educação austera, feita de trabalho duro, ajudando o pai nas tarefas agrícolas, mas também lendo muito e dedicando-se a engenhosas invenções. Desde cedo granjeou uma reputação de brilhantismo.

As primeiras impressões do jovem Muir na América foram de deslumbramento: *Este súbito mergulho no puro mundo selvagem - baptismo no caloroso coração da Natureza, como ele nos tornou completamente felizes! A natureza a fluir para dentro de nós, ensinando afectuosamente as suas maravilhosas e ardentes lições, tão diferentes das cinzas tristes de uma gramática com que há tanto tempo nos castigavam. Aqui, sem o sabermos, continuávamos a estar na escola; cada lição selvagem era uma lição de amor, não dada com açóites mas com encantamento. Oh, a gloriosa natureza selvagem do Wisconsin!*

Apesar da rude vida do campo, Muir frequentou a Universidade do Wisconsin e a sua paixão pelas coisas mecânicas orientava-o para uma carreira nesse ramo. Mas um grave acidente, que quase o cegaria e o deixou física e psicologicamente traumatizado, viria a dar uma orientação muito diferente à sua vida. Depois de algumas semanas de olhos vendados num quarto escuro, recuperou a vista. Mas o abandono de uma carreira industrial foi definitivo e John Muir voltou-se com ardor para a sua mais profunda paixão: a natureza selvagem da América.

E surgiram assim as suas grandes expedições e os escritos que lhes dedicou. Numa extraordinária excursão a pé, desde Indiana até ao Golfo do México, Muir ia escrevendo um diário que só depois de sua morte (1914) viria a ser publicado, em 1916, com o título *Caminhando Mil Milhas até ao Golfo* (*A Thousand Mile Walk to the Gulf*). Foi durante essa excursão épica que Muir começou a pôr em dúvida a visão antropocêntrica então (e ainda hoje) dominante e a descobrir que o rei da criação era afinal apenas uma pequeníssima parte de toda a teia da vida. Em 9 de Setembro de 1867, reflectindo sobre o medo humano da morte, escreveu nesse diário:

*... Deixem as crianças caminhar com a Natureza, deixem que elas vejam a bellissima mistura e comunhão da morte e da vida, a sua alegre e inseparável unidade, tal como é ensinada pelos bosques e prados, planícies e montanhas e rios do nosso astro bendito, e elas aprenderão que a morte é na verdade sem veneno, e tão bela quanto a vida, e que a sepultura não é vitoriosa porque nunca combate. Tudo é harmonia divina.*

No ano seguinte, em 1868, percorreu as montanhas da Sierra Nevada e passou os cinco anos seguintes no vale de Yosemite. Essa experiência iria marcar o resto da sua vida e dela resultaria o livro *O meu Primeiro Verão na Sierra* (*My First Summer in the Sierra*), publicado em 1911. No resto da sua vida, Muir não deixaria de lutar pela preservação dessas terras que constituem algumas das mais grandiosas paisagens do mundo. Dessa acção acabaria por resultar a fundação dos grandes Parques Nacionais de Yosemite e de Sierra Valley. Nessa luta, Muir acabaria por ter do seu lado o Presidente Theodore Roosevelt, que sobre ele escreveu, após a sua morte:

*Muir tinha uma alma destemida. Os seus livros são deliciosos; ele é o escritor para quem se voltam todos os homens quando pensam nas Sierras e nos glaciares do Norte, e nas árvores gigantes das encostas da Califórnia; mas não apenas isso - ele foi também, o que é dado a poucos amantes da natureza, um homem capaz de influenciar o pensamento e a acção contemporâneos sobre as questões a que tinha consagrado a sua vida. Foi um grande factor de influência sobre o pensamento da Califórnia e do país inteiro no sentido da preservação desses grandes fenómenos naturais - canyons maravilhosos e árvores gigantes, encostas brilhantes de flores... a nossa geração deve muito a John Muir.*

Tal foi a identificação de Muir com essa paisagem que exclamaria: *Façamos alguma coisa pela natureza selvagem e vamos lá dar alegria às montanhas!* Este sentir com a montanha viria mais tarde a encontrar uma curiosa fórmula na divisa de Aldo Leopold (ver *Tribuna da Natureza* nº 3, pág. 19): pensar como uma montanha.

Muir teve, desde 1876, uma constante intervenção para que fosse instituída uma política conservacionista nos Estados Unidos. A sua influência sobre o Presidente Theodore Roosevelt foi decisiva para a instituição de um programa de conservação florestal em larga escala. Autor de numerosos escritos científicos, de intervenção e de memórias, foi também fundador do Sierra Club, ainda hoje uma das mais influentes organizações de conservação da natureza.

A natureza (wilderness) no seu todo é unidade e inter-relação. Ela está viva e é familiar... as próprias pedras falam, sentem simpatia, fraternidade..., escrevia Muir nos anos 1870. A sua irradiação explica-se pela sua visão cósmica, bem patente nestas suas linhas, que antecipam em muito a famosa metáfora da Terra como nave espacial, indo porém muito além dela:

*Quando contemplamos o globo inteiro como uma grande gota de orvalho, listrada e pontuada com continentes e ilhas, voando através do espaço com todos os outros astros, todos cantando e brilhando em uníssono, o universo todo surge como uma infinita tempestade de beleza. Este grande espectáculo é eterno. O sol está sempre algures a nascer, o orvalho nunca seca totalmente de uma só vez, uma bâtega cai para sempre, está sempre a erguer-se o vapor de água. Eterno nascer do sol, pôr-do-sol eterno, eterna madrugada e entardecer sobre os mares e continentes e ilhas, cada um por sua vez, enquanto a terra redonda rola.*

J. Dias Marques

Coordenador da revista Ar Livre

#### REFERÊNCIAS

- \* Em *The Wilderness Journeys* (Excursões na Natureza Selvagem), o editor escocês Canongate Books Ltd (14, High Street, Edinburgh EH 1 1TE, Reino Unido) reuniu os escritos de John Muir: *The Story of My Boyhood and Youth* (História da minha infância e juventude), *My First Summer in the Sierra* (O meu primeiro Verão na Sierra), *A Thousand Mile Walk to the Gulf* (Caminhando Mil Milhas até ao Golfo), *Travels in Alaska* (Viagens pelo Alaska), *Stickeen* (extraordinária história de um cão).
- \* Frederik Turner dedicou-lhe uma biografia, intitulada *John Muir*, editada também por Canongate Books.
- \* Em 1983 foi fundado o John Muir Trust, fundação inspirada na ideia de John Muir de fazer algo pela natureza e dar alegria às montanhas! Freepost, John Muir Trust, Musselburgh, Scotland EH21 7BR, Reino Unido.
- \* Na sua terra natal, está sediada uma associação: Dunbar's John Muir Association c/o John Muir House, 128 High Street, Dunbar EH 42 IEL, Reino Unido.
- \* Pode ler na internet em inglês o livro de Muir "My first summer in the Sierra" em: [www.nature.net/muir/firstsummer](http://www.nature.net/muir/firstsummer)

#### OUTRAS PÁGINAS NA INTERNET SOBRE MUIR:

- a) [http://www.sierraclub.org/john\\_muir\\_exhibit/](http://www.sierraclub.org/john_muir_exhibit/)
- b) [www.grandfather-mountain.com/newsletter/features/muir.htm](http://www.grandfather-mountain.com/newsletter/features/muir.htm)
- c) [www.contribute.com/muir/htm](http://www.contribute.com/muir/htm)
- d) URL:207.90.163.3/john\_muir.exhibit/geography...ant\_places.html
- e) [www.jmt.org/menu.html](http://www.jmt.org/menu.html)

Por um erro de paginação, no artigo anterior desta rubrica (*Tribuna da Natureza* nº 3, pág. 19) não era possível identificar claramente as seguintes frases como sendo traduzidas de citações literais de Aldo Leopold:

"A excepcional descoberta do século XX não é a televisão ou a rádio, mas a complexidade desse organismo que é a Terra."

"Que a terra é uma comunidade é o conceito básico da ecologia, mas que se deve amar e respeitar a terra é uma extensão da ética".

"Deixemos de pensar no bom uso da terra como se fosse um problema exclusivamente económico. Examinemos cada questão tanto em termos do que é ética e esteticamente justo como em termos do que é economicamente vantajoso. Uma coisa é justa quando tende a preservar a integridade, a estabilidade e a beleza da comunidade biótica. Ela é injusta quando tende para o contrário disso".

Pelo erro, a *Tribuna* pede desculpa aos leitores e a J. Dias Marques.



## A Europa da

# natureza

Bernardino Guimarães

João Cosme Matos



Borboleta - Zigaena Trifolii

1- Em vão buscaríamos, no continente europeu, as grandes e emocionantes extensões selvagens que preenchem os sonhos dos naturalistas. Milénios de actividade humana moldaram o perfil das paisagens, condicionaram a existência da biodiversidade e alteraram, quase por completo, os ecossistemas. Note-se que dizemos "continente" também por respeito à definição convencional. Visto o mapa, torna-se evidente a realidade de uma imensa mancha que diríamos mais facilmente euro-asiática. A Europa não possui evidentes contornos separáveis da Ásia em termos puramente geográficos - o limite tradicional dos montes Urais aceita-se apenas por facilidade e tradição, mais histórica do que outra coisa. Também não é uma "península da Ásia". Por outro lado, a sua parte meridional não passa de uma vasta margem norte do mar Mediterrâneo mirando a África e o Oriente médio com óbvia proximidade.

Por ser uma criação da "cultura" mais do que da "natureza", a ideia de Europa ganha relevo e identidade pelo lado da geografia humana e da contingência histórica - mas está longe de, do ponto de vista ecológico, constituir uma fracção territorial isolável dos conjuntos territoriais que a ladeiam.

A Europa é pequena. Aceitando-se, por conveniência, o seu limite a Leste, não engloba mais do que dez milhões de quilómetros quadrados. Da ponta de Sagres até aos montes Urais distam uns quatro mil e quinhentos quilómetros. Neste espaço relativamente exíguo, o mar é quase sempre uma influência sensível - poucos locais da Europa se afastam dele mais do que umas centenas de quilómetros. Os rios atravessam o território europeu em todas as direcções e a diversidade paisagística e natural atinge aqui uma expressão notável, porventura a mais característica das evidências para quem percorre a Europa. Tudo isso tem consequências evidentes em termos de biodiversidade mas, como veremos, é a influência humana, omnipresente, antiga e intensa, o factor mais poderoso a considerar, se quisermos compreender o que é hoje o "património natural" deste espaço que não é

ilha, nem península, nem talvez continente mas onde a História criou um certo tipo de civilização onde também a relação com a natureza aparece (positiva ou negativamente) como elemento essencial.

Desde o Paleolítico que os Homens influenciaram a fauna e a flora da Europa. Não sabemos que real papel tiveram os rudes caçadores/recolectores na progressiva extinção de inúmeras formas de vida que por aqui abundavam há muitos milénios. Mas seguramente que a difusão da agricultura transformou por completo a relação entre Homem e a natureza.

A "revolução neolítica" iniciou decerto a transformação do território, o recuo das florestas originais, o favorecimento e introdução de espécies vegetais e animais "domesticáveis" e isso não não pôde ser feito sem que fosse em detrimento da fauna selvagem. Os primeiros povoados humanos, nos alvares da sedentarização, foram precursores de sucessivas, embora não lineares, vagas de "urbanização" e de expansão dos cultivos, com o conseqüente aumento do número e das necessidades dos humanos.

Ao longo da história, tudo o que se sucedeu a estes tempos remotos confirmou o território europeu como um espaço de profunda e variada intervenção na natureza. As sucessivas invasões vindas do sul e do leste, a formação das civilizações antigas, as guerras, os impérios feitos e desfeitos, o avanço técnico, tudo isso foi, em camadas sucessivas, alterando o fundo natural. A partir do séc. XV, a expansão europeia para outros mares e continentes significou - com a enorme procura de madeiras - uma pressão desmesurada sobre as florestas; a destruição dos antigos bosques mediterrânicos pode ter tido aí o seu "golpe de misericórdia", mas, na sequência de um processo de arroteamento de "terras bravias" pelo fogo e pelo machado que já vinha de muitos séculos antes.

Por toda a Europa o panorama foi o mesmo. Já na época medieval a extensão florestal tinha sido substancialmente reduzida, excepto talvez em locais remotos e bastante inacessíveis.



2- Quando tomamos consciência da constante modificação das condições naturais, implicando devastação de fauna e flora, poderemos até surpreender-nos porque, afinal de contas, ainda resta algo do velho e grandioso património natural europeu.

É certo que, nos tempos romanos (80 ou 100 da nossa era) havia ainda leões na Grécia e na Turquia actuais, e também leopardos; e que, muito mais tarde, em plena idade média, o mítico auroque (*Bos primigenius*) ainda era frequente nas florestas da Europa Central - e alguns indivíduos desta espécie sobreviveram até ao séc. XVI ou até mais tarde, na Alemanha e Polónia. Algumas espécies de equídeos selvagens, hoje extintas, devem também ter resistido à perseguição humana bem dentro da época medieval europeia, incluindo o "tarpan" oriental e, por exemplo, o misterioso "zebro", talvez um burro-selvagem e muito comum em território português até ao séc. XII.

Em tempos modernos, seja como for, não parece que o ritmo de extinções mesurável tenha sido proporcional às tremendas alterações induzidas pelo Homem nos ecossistemas. Por qualquer motivo (ou por uma conjugação de factores) a lista de espécies extintas na Europa não se nos afigura excessiva.

Para além do auroque, regista-se a extinção da alca-grande ou grande - "pinguim" (*Alca impennis*) na Islândia, em 1844, e sem dúvida algumas outras espécies terão desaparecido igualmente, conservando porém populações noutras paragens.

Este quadro pode parecer relativamente positivo e esperançoso - mas seria uma ilusão pensar assim. Se é verdade que o número de extinções assinaladas não é grande, convém referir que esta perspectiva oculta um generalizado empobrecimento da vida selvagem. Muitas formas de vida apenas se mantiveram em locais recônditos e isolados, em decréscimo numérico acentuado, ou salvos "in extremis" por acção de conservacionistas dedicados. É o caso do bisonte-europeu (*Bison bonasus*) que ficou reduzido a um pequeno reduto na Polónia oriental. Do alce (*Alces alces*) quase exterminado com excepção da taiga escandinava, depois reintroduzido em certos rincões da Europa central. Do urso e do lobo, varridos do mapa europeu mas conservando "ilhas" de sobrevivência dispersas; do lince boreal (*Linx linx*), com sorte idêntica, do lince-ibérico (*Linx pardinus*) confinado ao sul da Península ibérica - e considerado hoje o mais raro felino do mundo. Todas as grandes aves de rapina, as cabras selvagens, aves aquáticas dependentes das zonas húmidas por todo o lado drenadas e poluídas. Mamíferos marinhos como a foca-monge-mediterrânica (*Monachus monachus*), muitos répteis e aves das orlas litorais foram reduzidas a uma penosa pré-extinção. As alterações que atingiram os cursos de água doce quase acabaram com o castor (*Castor fiber*) também salvo quando a situação parecia já irreversível, e com numerosas espécies de peixes. A lista seria interminável.

Por outro lado, a ameaça da extinção paira sobre variantes ou sub-espécies muitas vezes ignoradas como tal. Se lamentámos a perda da cabra-do-Gerês (*Capra pyrenaica lusitanica*) ocorrida em 1892, que dizer da extinção definitiva da sua congénere dos Pirinéus (*Capra pyrenaica pyrenaica*) confirmada apenas no ano passado?

O mesmo se poderia relatar acerca do reino vegetal. Algumas das árvores que preencheram relevante função ecológica nas florestas europeias de outrora, são hoje relíquias, raras vezes observadas na natureza. A lista dos insectos conhecidos dá-nos conta de algumas extinções europeias mas, sobretudo, de generalizada diminuição de áreas de ocorrência.

3- O problema é actual. A União Europeia para a Conservação da Natureza (UICN) revelou, em 1999, alguns números significativos: estima-se que a Europa abrigue 2500 tipos de habitat e cerca de 200000 espécies de animais e plantas. A proporção de espécies em perigo é superior à do resto do mundo. 38 por cento das aves europeias estão ameaçadas, assim como 30 por cento dos anfíbios, 42 por cento dos mamíferos, 45 por cento dos répteis e 52 por cento dos peixes de água doce. Quanto a insectos, um

exemplo: 45 por cento das espécies de borboletas são consideradas ameaçadas.

Apenas 1,7 por cento das florestas europeias podem ser consideradas "naturais", ou seja 0,7 por cento das florestas originais. A intensificação dos métodos agrícolas do norte e oeste da Europa reduziu a superfície das zonas húmidas em 60 por cento. 75 por cento das dunas litorais da França, Itália e Espanha desapareceram desde o início do século. Quanto a percentagens, pensamos que chega para realçar os perigos que hoje ameaçam o património natural europeu.

É claro que o advento da industrialização, o crescimento das áreas urbanas, a agricultura intensiva, foram rompendo um equilíbrio plural e



instável que, consoante as regiões, foi tornando possível uma coexistência entre as actividades humanas e uma apreciável biodiversidade. A agricultura foi ela própria "industrializada" e perdeu em variedade de modos de cultivo. As sebes e pequenas matas tornaram-se obstáculos à mecanização. Sistemas agro-silvícolas como os montados mediterrânicos sofrem agora uma crise inelutável. O uso de pesticidas contaminou águas e solos e constitui uma séria ameaça à avifauna.

Mesmo o despovoamento humano de muitas áreas rurais, tanto no sul como no norte da Europa, não conduziu muitas vezes à renaturalização de amplas zonas, mas sim à instalação de explorações florestais monoespecíficas e muitas vezes com essências exóticas.

Quase nenhum grande rio da Europa escapou à sua domesticação e artificialização. As grandes e médias barragens tornaram os rios pálidas imagens daquilo que eram - grandes corredores ecológicos atravessando todo o continente.

4- A Europa não possui extensões selvagens quase inalteradas, como poderemos ainda encontrar noutros continentes. Do Atlântico aos Urais, não há pontos de concentração de biodiversidade comparáveis a alguns rincões da América central e do sul ou do sudoeste asiático. Espaços naturais como os que, até hoje, subsistem na metade setentrional da América do norte, nem sequer caberiam neste relativamente acanhado território. Dificilmente podemos comparar qualquer parque natural europeu com Yellowstone (EUA) ou Wood Buffalo (Canadá) - para só citar zonas do mesmo contexto biogeográfico. De qualquer modo, subsistem, neste velho e conturbado cenário, quase milagrosamente, belos santuários naturais, pouco mais do que, por assim dizer, vestígios da grandeza de antanho - cuja preservação é prioritária. Da velha floresta de Bjalowieza, entre Polónia e Bielorrússia, à Floresta Negra, na Alemanha, e ao parque de Plitvice, na Croácia. De alguns bosques remanescentes no Ártico escandinavo ao que restou de natural ao longo dos Pirinéus, dos Alpes e dos Cárpatos. Das relíquias da laurissilva conservadas na Ilha da Madeira, aos santuários húmidos na embocadura de grandes rios: Doñana (Guadalquivir) Camargue (Ródano), Delta do Pó e Danúbio.

A distância que vai das estepes cerealíferas da Península Ibérica aos gelos da Noruega, ou das falésias do Mar do Norte às ilhas mediterrânicas, não é difícil de vencer. Pelo menos para as aves migradoras, essa legião alada que é ponto de ligação comum a recordar-nos que a natureza não tem fronteiras. A passagem das aves planadoras por Gibraltar (ocidente) e Bósforo (oriente) dá-nos a ideia de que, duas vezes por ano, boa parte da avifauna europeia lança também pontes para outros continentes, através de eixos de ligação que são usados há milénios. E assim continuarão, se quisermos que seja assim.

5- O estado de conservação da natureza não é uniforme na Europa. A Península Ibérica ostenta orgulhosamente o "record" da biodiversidade. O Leste europeu, apesar dos pesados níveis de contaminação do ar, do solo e da água em muitas regiões, alberga importante herança natural - mercê de antigas e bem-sucedidas políticas

conservacionistas mantidas em alguns países.

Muitas das áreas mais importantes em termos de natureza são fronteiriças e pertencem pois a mais do que um Estado, o que acentua o carácter indivisível dessa riqueza e a necessidade de cooperação internacional para preservá-la.

As crescentes alterações do uso do solo, a urbanização dispersa, a invasão do turismo de massas, a construção de infra-estruturas "pesadas" de transportes, a poluição difusa, a introdução de espécies exóticas, as alterações climáticas, são ameaças a ter em conta - com um esboço de resposta apenas a ensaiar os primeiros passos.

A estratégia actual da União Europeia é conhecida, e consubstancia uma clara evolução das políticas conservacionistas.

Baseia-se na constituição da Rede Natura 2000 (cuja estrutura jurídica/base são as directivas Habitats e das Aves) para constituir uma malha representativa dos diversos tipos de ecossistema a salvaguardar. Esse processo, como seria de esperar, não tem avançado com celeridade nem sem embater em poderosos obstáculos. Por outro lado, a extensão da Rede a Leste e a Sul é, não apenas uma necessidade política óbvia, mas condição do amadurecimento de um sistema integrado à escala continental.

Vê-se mal como a Rede Natura possa, por si só, constituir resposta cabal se não forem alteradas as políticas (europeias e nacionais) que sectorialmente concorrem para a destruição do património natural.

Como por exemplo a política agrícola comum (PAC) - incentivadora da agricultura intensiva e poluente - ou a construção generalizada de auto-estradas que rasgam e fragmentam os territórios, em prejuízo da fauna e da flora e dos próprios princípios de sustentabilidade.

"A Europa jaz, posta nos cotovelos". E reflecte agora sobre a sua identidade, num impasse de reencontro e hesitação. Mas o que será dessa identidade, e a dos povos, sem a natureza? ■



Grifo

João Cosme Matos

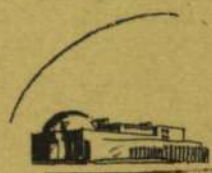






# Parque Ecológico do *Monte S. Brás*

Projecto de Protecção, Valorização e Requalificação do Corredor Verde do Leça



CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS



Apontamentos sobre fauna e flora

# geresianas

## num documento setecentista

algumas das quais conservam ainda o seu livro de geração, na sua maioria por aproveitar em todas as suas vertentes informativas. Alguns destes manuscritos ter-se-ão perdido, outros resistiram, por felicidade, ao tempo e à incúria dos homens. Que sabemos, nenhum foi ainda publicado na íntegra. É de uma destas memórias que hoje (mais uma vez) damos notícia através de algumas notas daí retiradas respeitantes à fauna e flora geresianas, onde se documenta nomeadamente a presença de algumas espécies já extintas na região.

Trata-se de uma cópia manuscrita, datada de 1813, de um documento de 1744, conservada na Casa dos Casais de Pincães (concelho de Montalegre). É um livro de cem folhas cosidas em capa pergamóide, com 75 folhas manuscritas e termo de encerramento datado de Montalegre, aos 8 de Julho de 1793.

Assim é apresentado na folha de rosto [na transcrição do mns. optámos por manter rigorosamente a grafia original, desdobrando apenas as abreviaturas que vão entre parentesis]:

Eppitome Familiar, e/ Árvore de Geração de algumas/ Casas da freg(uesi)a de S. Lourenço de/ Cabril; e especialmente da/ Caza dos Cazaes de Pinqaens/ de que hoje he pessuhidor/ Antonio Per(eir)a Alvares,/ e sua m(ulh)er Maria M(art)i(n)z Per(eir)a// Está tira [sic] de hum livro dedicado ao R(everendíssi)mo/ Gervazio Antunes de Carvalho Abb(ad)e/ de S(an)ta Maria de Doçaons; f(ei)to no anno/ de 1744 pelo R(everen)do Diogo Martins/ Pereira Abb(ad)e de S. Thiago de Sa/baris, como adiante se vera.// Anno de 1813//.

É um extenso e notável documento com dados relativos às sucessivas gerações que se sucederam na posse desta Casa e suas ramificações por toda a região do Barroso e de uma maneira geral por toda a serra do Gerês e mesmo para além dela. Nele se descrevem igualmente aspectos preciosíssimos e pitorescos dos costumes do mundo rural setecentista, suas tradições e festas, por entre algumas lendas entremeadas de fastos históricos e outros elementos respeitantes à fauna e à flora da serra do Gerês em meados do século XVIII. Entre outros aspectos de grande valia histórica, como seja a toponímia regional onde se reconhecem muitos topónimos que chegaram até aos nossos



Lobo cerval (lince-ibérico)

Joaquim Damásio da Cunha

### 1. Introdução

Algumas grandes casas da aristocracia rural do Antigo Regime, num ou noutro momento da sua história, resolviam passar a escrito minuciosas descrições do seu tronco genealógico (as árvores de geração), cruzando glórias caseiras com intermináveis listas de ascendentes e descendentes e relatando a espaços, com boa copiosidade de pormenores, saberes arcaicos e costumes locais. Por isso, alguns destes documentos fornecem preciosíssimos elementos para a compreensão, quer evidentemente da história dessas casas e da genealogia dos seus sucessivos proprietários, mas também sobre os diversos aspectos da história regional em que se inserem, com indicadores sobre etnografia, arqueologia, toponímia, fauna e flora, entre outros. Assim aconteceu também com as antigas e abastadas casas rurais do Barroso,



dias praticamente imutáveis, são também de relevar a localização de alguns monumentos, antigas vias e bem assim de costumes já desaparecidos e a eles associados.

A importância deste documento é, aliás, conhecida de quantos se dedicam com alguma profundidade ao estudo da história do Barroso e em particular do Parque Nacional da Peneda-Gerês, como tal foi utilizado por alguns investigadores, mas nunca foi publicado na íntegra, o que a nosso ver se justificava. Em 1993, quando procedíamos à recolha e sistematização de elementos para a criação de um eco-museu do Barroso, tivemos oportunidade de compulsar com algum vagar este denso manuscrito, que muito amavelmente nos foi emprestado pelo actual proprietário da Casa. Foi tal o manancial de informação recolhido que, por acordo com o mesmo proprietário, dele resolvemos fazer uma transcrição integral que aproveitasse a outros investigadores, existindo hoje cópias dactilografadas na biblioteca do PNPG e na posse do mesmo proprietário. O documento estava razoavelmente bem conservado, com uma caligrafia ainda de tipo setecentista com poucas emendas e raras falhas. Infelizmente, o projecto de eco-museu lançado e dinamizado pelo PNPG com a colaboração da Câmara Municipal de Montalegre e das Juntas de Freguesia do Barroso, não teria sequência após a demissão compulsiva da direcção do Parque em meados dos anos 90. O adormecimento em que o PNPG seria lançado pela direcção substituta, sem chama nem imaginação e sem qualquer projecto dinamizador que justificasse a sua própria existência enquanto único Parque Nacional de Portugal, devia obrigar-nos a reflectir em profundidade na vacuidade de alguns dos nossos organismos criados e vocacionados para a defesa do ambiente e de como as políticas de conservação da natureza devem ser integradas e bem estruturadas e não podem continuar dependentes de direcções voláteis e dos altos e baixos das políticas caseiras!

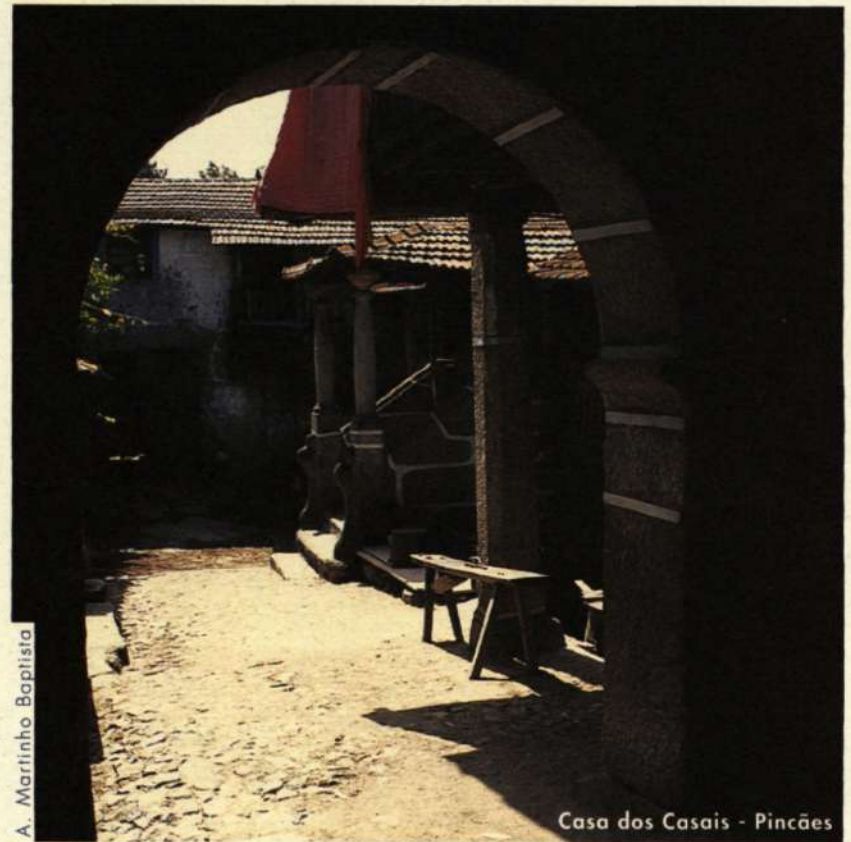
Para que não se perca algum desse esforço então desenvolvido e porque será certamente muito útil aos leitores desta revista (a quem agradeço a cedência deste espaço), resolvemos inserir aqui alguns dos fragmentos mais interessantes relativos à fauna e à flora desta antiga região da Peneda-Gerês apresentados na sua saborosa linguagem tardo-barroca.

Muitos outros nacos de interessantíssima prosa sobre aspectos diversos da fauna e flora geresiana poderíamos retirar do mesmo manuscrito. Na impossibilidade de tudo agora coligir, seleccionámos apenas alguns fragmentos relativos ao lugar de Fafião. Neles gostaríamos de destacar a descrição das técnicas de caça do (e ao) linco (o chamado lobo cerval) cuja presença na área da actual Peneda-Gerês era então um dado bem concreto, embora se diga também que a sua caça excessiva, devido aos ataques a rebanhos de cabras e ovelhas, contribuía já então para a sua raridade e sequente extinção. O mesmo se passaria com o galo-montês, ainda abundantemente presente em meados do século XVIII e cuja memória se regista hoje apenas em alguma toponímia regional e cujo rasto infelizmente se perdeu por completo na Peneda-Gerês. Entretanto, a omnipresença do lobo-ibérico (os chamados lobos grandes), atestada aliás no imaginário popular até aos nossos dias (e simbólica da relação de inimizade e incompreensão entre o homem e a fauna silvestre que só nos nossos dias começaria a mudar radicalmente), é bem sugestiva na passagem onde se conta que a sua visão pode pôr os cabelos em pé a qualquer humano! Claro que a presença destas (e outras) espécies num ecossistema ainda em relativo equilíbrio como o seria o Baixo Barroso em meados de setecentos, se encontrava já em inícios de ruptura, como o atestam, por exemplo, a presença regular de queimadas para renovar os pastos (numa sentença judicial, presume-se que da primeira metade do século XVIII senão anterior, a favor dos de Fafião contra os da Ribeira de Soas, citada a folha 17v.) e a profunda antropização que já então sofria toda a vertente sud-occidental da serra do Gerês.

Uma detalhada explicação de todos os pormenores contidos nos fragmentos ora apresentados, levar-nos-ia a ultrapassar em muito o espaço que nos foi concedido. Nessa impossibilidade e ao jeito de introdução a este notável documento, aí ficam algumas saborosíssimas passagens da ambiência geresiana de meados do século XVIII.



Galo-montês (ilustração do livro "O Galo-montês, regresso ao Gerês")



A. Martinho Baptista

2. Cappitulo 2º/ Do lug(a)r de Fafião/ (Fls. 10 e ss.)

Fl. 10 v... ..

5. Desde o rib(eir) do Cubo que vem do Sahidouro à beira do rio Cabado athé onde chamão o rib(eir) das poças com o rio Toco, e por este assima athé às pontes de Fafião que fas meija volta deste lug(a)r, e tira de longitude perto de duas légoas, e há vários rib(eir)os e fontes tudo tam cuberto de brenhas que servem de toldo e abrigo e sus(ten)to a m(ui)tos animais, e vestes a bravos como sam javalizes, lobos de duas espécies gr(an)des e servaes, viados ou corços, perdizes e m(ui)tos coelhos que aos moradores ofendem, e elles sabem bem matar, e disto fazem prez(ent)es, e p(ar) a isso se adestrão os homens naquella lug(a)r e freg(uesi)a desde os prim(eir)os annos

Fl. 11: dadolicencia, e há famosos fecheiros.

6. São os lobos gr(an)des tam gr(an)des manhosos e atrevidos que não duvidão aremeter a q(u)alq(ue)r outro animal p(o)r feios q(ue) seja como a m(ui)tos bois manços e bravos que há naquella Serra do Gerês, q(ue)(?): os touros que chamão das vacas deles bem se defendem pela forci(da)de que a natureza também lha deu, e o clima daquela serra em que se criarão e se acham m(ui)tos juntos, sendo dous se trocão hum com outro e se defendem reciprocamente e sendo mais fazem círculo, e virão as caudas p(ar) a dentro, e as pontas ao lobo, e assim se defendem, e tendo gado mais miudo que não serve p(ar) a briga o metem dentro do círculo.

7. São tam manhosos que nestas brigas e emcontros o mais que dezejão fazer hé lançar a boca à cauda e assim ferrados com os dentes na cauda andão sempre p(ar) a huma p(ar)te athé que os fazem emdoudesser e cahir, e assim os matam e comem se os companheiros lhe não valem, e assim os tem visto fazem [sic], e tendo--os no cham a p(ri)meira couza que fazem hé remeter por detrás, e comer-lhe o sobcu e a tripa, e alguns que tem escapado e se tem visto vir p(ar) a poder de seus donos.

8. Uzam também de outra manha assim os touros como os lobos, os touros se acham sós fazem m(ui)to por se chegar a hum pinhasco, ou lapa, e virando a trazeira ao abrigo della, assim se defendem lindamente, mas os lobos seguindo-os, digo os lobos se fingem

Fl. 11 v: se fingem hidos athé ver se se descuidão, e tornão a partir quando não [rasurado] se sobem por sima daquela pedra, ou sitio, e com os dentes pegam em pedras, ou páos que acham e lhes arremessam athé ver se os podem desalojar, e trazer ao campo p(ar) a ali seg(un)da ves os investirem.





9. São estes lobos gr(an)des mui prigosos de noute em lugares despovoados, e também de dia havendo névoa rast(ei)ra o que tem suicidido a m(ui)tos homens que se virão aflitos nestes emcontros e costumão investi-los nos lug(ar)es altos, e descampados, e não nos baixos porq(ue) o seu natural hé estar sempre de atalaia, e feitos na empreza lhe sai o melhor que podem a seu salvo.

10. Chamava-lhe hum meu vezinho Ant(óni)o M(art)i(n)z gr(an)des Doutores da sua leij, mas este também os sabia matar, como eles caçar, p(or)q(ue) nunca lhe deu tiro que não empregasse, muito apurar de tais monstros, tem estes tal antipatia p(or) contradição com o género humano, q(ue) se o homem o vê p(rime)iro não emrouquesse, nem se lhe ouriçam os cabellos da cabeça, mas se o lobo o vê p(rime)iro assim lhe sucede, e não hé fabola nesta parte, o que dele dis Virg(í)lio *Vidit me lupus priorem*.

11. A outra espécie de lobos a que nestas terras chamão servais, hé o contr(ári)o dos gr(an)des, p(or)que além de serem m(ui)to mais pequenos, diversos na cor e

Fl. 12: e inclinação, p(or)que os gr(an)des são terríveis no aspecto, com vulto de aboliro, e mais negros por sima, mais brancos por baixo, pernas cumpridas, e groças sem unhas de lanceta, purém tem grande garra comas que tem a maneira do chã[m] [por cão?], mas o serval tem unhas de lanceta como anzoos, e hé de pelle engraçada com várias pintas que lhe dá lustre, e a cabeça boca e pernas e unhas tudo hé feitio de gato, mas tamanho que excede o maior raposão.

12. Esta espécie de lobo serval hé mui danoso nos lug(ar)es em q(ue) vive, que hé mais neste lugar de que vou falando que em outros da freg(uesi)a, inda a todos chega o seu bocadinho porque aqui se crião e nassem em Galhado e Torrão destrito deste lugar de Fafião, e também na Aguieira de Cabril, e a rezão de ser mui danosos, hé que se escondem aonde quer como gato e como rateiro, hé máo de ver, se os cães o não presentem, e dão conta aos pastores, e p(ar)a os descobrir esta espécie de lobo são mais aptos os cães gosos que ranfeiros.

13. Hé mui prejudicial o seu modo de caçar porq(ue) lançado com o lombro p(ar)a a terra em p(ar)te que fique quazi enterrado ou escon(di)do em aspeço matal em vareda que passa em fio o gado meudo de cabras, ou ovelhas, e outros sem(el)hantes com que se atrevão ahí os agarra com as unhas que lhe deu a natureza, e com ellas detém o tal animal, e lança a boca

Fl. 12 v.: ao pescosso e lhe chupa o sangue athé desmaiar, e f(ei)to isto a este passa a outro, e outro, e outro etc<sup>o</sup> e farto de sangue se esconde nas gerretas dos penhascos ou buracos cóveas das árvores antigas a esperar outra ocasião e acame dos animaes que mata e não come emq(uan)to acha sangue que chupe, e dipois come a carne com fome.

14. Defende-se bem aos caens, porque lançado de costas em terra se defende com as unhas q(ue) os traspaga, e atromentados fogem delle, e o melhor modo de os caçar hé quando assim estão fartos de sangue porque se não podem maniar, nem esconder, nem caber tanto nas gerretas em que se achão, e então os caens melhor se chegam a elles, como também os caçadores, que nestas ocaziões poucos lhe escapam se os acham na empreza, e p(ar)a lá vão prenoutar p(ar)a se assegurarem do sítio em que se escondem, também sobem às árvores q(uan)do não acham rochas sug(ei)tas em que se escondão porque são assim de gattos mas m(ui)to maiores do que hum rapozão, como se vio m(ui)tas vezes, e em especial em huma ocasião q(uan)do huma destas feras entrou em hum curral de cabras de Frutuoso Per(eir)a de Pinquaens meu irmão e chupou o sangue de vinte e quatro cabras haverá vinte e cinco annos e ao dipois o colherão e o matarão em ssima de hum carvalho no Valdapino.

15. Desde este tempo a esta p(ar)te pouco damno tem  
Fl. 13: f(ei)to entendendose hir a extinguidose como se extinguirão os ursos pelo cui(da)do que os moradores tem de os preceguir, e caçar andando de dia e de noute athé os matar, ou fazer fugir p(ar)a os montes da Irmida e Villar da Veiga, donde também os perseguem com notável cui(da)do, como também aos lobos gr(an)des e javalizes, que se prezão os daquelle lugar lhe não escapar estas feras, e ainda a poucos annos em hum só dia matarão sete lobos gr(an)des no ninho, e atirarão à maij, e matarão hum gr(an)de jabalim tudo no monte das Caldas; das outras espécies de animais falarei q(uan)do tratar da Serra do Gerês, em cujas faldas estão sitios os lug(ar)es desta freg(uesi)a de Cabril.

(... ..)

17. No mencionado destrito das d(it)as pontes ao rib(ei)ro Cubo há grandes, e espeços matos que se compõem de soutos de castanheiros, carvalhos,

Fl. 13 v.: serquinhos, e verinhos de que colhem bastante castanha e landra, e de m(ui)tos e groços medronheiros que floressem no Outono, e dam bom pasto a m(ui)tas colmeias, que por ali tem e se colhe o fruto no inverno de que se sustentam os murtaranhos, foinhas, galos montezes que há m(ui)tos, e também m(ui)tas perdizes que desaparesem dos campos, e se vam pregar entre os espeços herved(ei)ros, como lá chamão os quais dão admirável lenha p(ar)a queimar e a mad(ei)ra hé vermelha, e dá flor em cachinhos brancos, e disso fazem as avelhas bom mel, e o fruto hé tão dosse que causa nauzia.

18. Há também neste lugar, e em quazi toda a freg(uesi)a de Cabril esta e outras cinco ou seis espécies de mato a saber torgainho, que delle e de seus torgos q(ue) são gr(an)des fazem os carvoeiros carvão, e esta espécie



de mato principia a florecer em Jan(ei)ro, e hé sumam(en)te apto p(ar)a as avelhas fazer cera, e m(é)l, não tão dosse como das outras flores, e tem a flor vermelha, dereado tem o m(es)mo préstimo nas manhans doces, e tem a flor branca e não dá tão gr(an)des torgos, nem serve p(ar)a carvão e hé mais serodio que o outro, e logo se vaij seg(uin)do á queiró mais rast(ei)ra, tem a flor vermelha e o m(es)mo préstimo p(ar)a sera, e bom mel, e tambem há estevas, e tem a flor amarella, e hé maior

Fl. 14:

que o saganho de que há abund(ânci)a também de tojos, e silvados m(ui)to altos, giestas de duas espécies, branca, e amarela que quasi todos florecem na primevera que naquelle País aparece tão bizarra, que hé huma suspenção aos sentidos, e levação ao Autor da Natureza, juntandose a isto a muij espeça carqueija, que vistos aquelles montes de fora só ella parece que viçosa nelles, e assim hé também no lug(ar) de Pinquaens, e por isso lhe chamão carqueijeiros, mas com elles tem tido gr(an)de utili(da)de, e com bom ár sofrem áfronta.

19. Há também no m(es)mo sítio outra espécie de mato que floresse em Agosto, e Set(em)bro, e por isso lhe chamão Agostinha, hé tam apta p(ar)a mel e sera q(ue) sucede ocasião reincharse tanto os cortiços que as avelhas o fabricão p(e)lo curtiço assima da parte de fora, e se põem em pinha sobre os favos de mel, e hé o mel mais dosse que o do mato torgainho, e dereado, que estes vem na primavera, e vão sucava (?) m(ui)to huns seg(uin)do aos outros, e p(e)lo meio do verão há outra espécie a que chamão vogalhas e quasi todas as flores raf(e)r(i)das são todas odoríferas q(ue) hé huma maravilha a natureza e clima daquella terra, e País.

20. Há várias diversi(da)des de árvores e arvoredos neste

Fl. 14v.: sítio em a maior p(ar)te da freg(uesi)a de Cabril principalm(en)te em Fafião, e Pinquaes, como são lourinhaes, de louro, serd(ei)ras bravas, macieiras, aveleiras que estas dam fruto tam doces como nozes, ainda que mais pequenas, e tanto catapreiros e tam formozos que dali se podia povoar meija Prov(ínci)a de Trás os montes, está statuído, e assentado entre os moradores deste lug(ar), que no t(em)po da enxertia vão todos ou mais deles devididos em turmas a enxertar por aquelles montes (... ..)

21. Há também outra espece de fruta a que chamão nespras, e se enxertão em catapreiros brancos de que fazem t<sup>o</sup>m bons bordoens, e esta fruta vem no inverno, e se não podem comer senão podre, e então hé m(ui)to boa, e tam formozas maçans camuês de quina de tal grand(es)a e formozura que as não vi sem(elhant)es; há m(ui)tas vides bravas, e tam cumpridas que os barqu(uei)ros da rib(eir)a de Soas se aproveitam dellas p(ar)a prender e segurar em estorvos as barcas no inverno, e há tantos medronhos no inverno que de doces cauzão fastio à gente, mas não aos animais silvestres que delles se sustentão

Fl. 15: e vivem.

22. Quarto cam(inh)o fazem do lugar de Fafião athé aos Chaons, donde tem ágoa e possas, e rib(eir)o com q(ue) cultivão e regão seus milhos no verão com abund(ânci)a na sua Veiga de Fafião, e outras m(ui)tas, que nassem, e emanam dentro da m(es)ma Veiga, ou perto della onde tem seus prados no verão, e no inverno com formosas e viçozas oliv(eir)as, que pasessem manjaricoens, e rendem vem em az(ei)te, e as macieiras de quina que crião as maçans atrás, e outras mais e várias frutas de peras, e outras maçans de várias castas, ameixas e abrunhos e m(ui)to vinho, e por este cam(inh)o se servem p(ar)a o monte dos Chaons, donde crião grandes ovelhas, e cabras, e passentam os

gados gr(an)des de bois e vacas, e bestas.

23. E também p(ar)a o Monte do Toco, e Castanheiro, se servem em p(ar)te por este cam(inh)o onde também há castanheiros de Manoel Per(eir)a de Fafião e tantos carv(alh)os que nassem naquelle monte que o cobrem, e sam comuns ao povo, e q(ue)m q(ue)r se aproveita da landre e mad(ei)ras que lhe colhem, e mais proveito que dão p(ar)a o esterco nas boas folhas cerquinhas milhores p(ar)a o d(it)o mistério que as verinhas misturadas com m(ui)tas e gr(an)des bravas ervas de feno, tojais, fetos, abrótiás, que tudo naquele monte se cria com abund(ânci)a (...)

(... ..)

Fl. 16:

26. Incluisse nas faldras destes chãos (...), dous montes, que ali chamão Coucoens hum o Torrão, outro a Cabirt(ei)ra, parte deste monte Torrão hé monte descuberto, ervozo, e enfenado adonde melhor assistem as bestas q(ue) ali vão dar; a outra p(ar)te hé fechado de penedia, e outros pequenos que o cercão, em tanta forma que ali dentro trazem fechado os moradores algum pouco de gado, e o vão tirar q(uan)do querem, e também meter p(ar)a o ter goardado, e retirado do lobo, aqui dentro neste Coucam há tantas quali(da)des de loureiros que desta freg(uesi)a, e ainda de fora se vão surtir de varas p(ar)a barijar a castanha, e fazer arcos de cubas, e p(ar)a tudo há quanti(da)de, como também de árvores de azebinho de que se fas visgo, bomas astes de fouces, e manguiras de malhos e outras couzas sem(elhant)es, dá esta árvore o fruto m(ui)to vermelho, e pequeno, e tem a folha espinhada nos lados, como também há m(ui)ta quanti(da)de de gr(an)des carvalhos direitos e cumpridos e aqui se crião

Fl. 16v.: lobos servais que não ofendem o gado grande.

27. Outro Coucam chamado a Cabirteira hé mais pequeno que o passado, e da m(es)ma sorte enserrão nelle os moradores seus gados, e cria m(ui)to em si m(ui)to azebinho como está d(it)o no outro; erão altos e direitos carvalhos que antigam(en)te se fabricavão delles astes p(ar)a lanças, e piques dos infantes e sol(da)dos de pé, porem se desvaneceo esta fábrica das baonetas nova invençam da Milícia.

A. Martinho Baptista

(antigo arqueólogo do PNPG)



A. Martinho Baptista

Prados de Lima perto de Parada "Outeiro"



# Os últimos dias antes do Alqueva

Paulo Caetano



*Anaecypris hispanica*

## Alerta pelo Saramugo

### Os fosséis vivos do Guadiana

Têm apenas sete centímetros de comprimento. Sete escassos centímetros de espinhas, escamas e barbatanas. E, à primeira vista, não possuem nenhuma beleza especial. Sobrevivem, a custo, nas ribeiras mais pequenas da bacia do Guadiana e são únicos no mundo. Apesar de desprezados pelos pescadores que nem para comida de gato lhe encontram utilidade, os saramugos (*Anaecypris hispanica*) têm alguns defensores apaixonados e empenhados na sua conservação. É que, garantem os cientistas, estes pequenos peixes são autênticos fosséis vivos e constituem um elo para se compreender a linha evolutiva dos ciprinídeos, a maior família de vertebrados do mundo e onde se incluem espécies como as carpas e os barbos.

"Quando olhamos para eles, quase não lhes damos atenção. Mas se repararmos até são bonitos, com os seus brilhos rosados no corpo e as suas pintas pretas", afirma com um sorriso Maria João Collares-Pereira, professora da Faculdade de Ciências de Lisboa (FCL) e coordenadora de um projecto Life-Natureza para a preservação do Saramugo, que terminou em Dezembro de 2000.

O entusiasmo da investigadora é contagiante. Gesticula com energia, ergue-se da secretária para mostrar imagens dos pequenos peixes, folheia os relatórios em busca de mapas da distribuição da espécie. "São peixes endémicos, que só existem na bacia do rio Guadiana e mais de 70 por cento da sua população vive em águas portuguesas. Estão em regressão e, se se extinguirem, é uma perda considerável para a biodiversidade faunística da Península Ibérica. Será irreversível e a principal responsabilidade pertencerá às autoridades nacionais", afirma com convicção.

E não se trata de alarmismo, mas de um cenário bem possível. Maria João Collares-Pereira é a investigadora que melhor conhece o Saramugo. A descoberta da espécie em Portugal – corria o ano de 1979 – pertence-lhe, bem como ao professor Carlos Almaça. E, desses dias, a cientista guarda boas recordações: "Eram peixes muito comuns e, fora do troço principal do Guadiana, existiam em todos os ribeiros. Cada vez que retirávamos os camarões da água era ficar a vê-los saltar".

### Nadar para a extinção

Em menos de vinte anos, tudo mudou. A construção desenfreada de açudes e pequenas barragens foram fragmentando os núcleos de Saramugos e isolaram os diferentes grupos. Alguns, impedidos

de realizarem as pequenas migrações para a postura de ovos, acabaram por se extinguir localmente.

Mas as agressões não pararam. O Guadiana – e como consequência, a generalidade dos ribeiros que ali desaguam – é um rio de águas poluídas. Os esgotos das cidades ribeirinhas – espanholas e portuguesas –, os pesticidas usados na agricultura intensiva, as suiniculturas, tudo contribui para deteriorar a qualidade da água do "imenso rio do Sul". Que piora ciclicamente nos períodos de estio, com a inevitável diminuição dos caudais. Como se a situação não fosse já suficientemente grave, nem os pequenos pegos ficam a salvo durante o Verão. A captação de água dessas "poças" – que se mantêm até nos meses mais quentes e que são o garante de sobrevivência de centenas de peixes – condena à morte um sem-número de criaturas ribeirinhas.

A extracção de areias são outro perigo sério. Ao contrário do que sucede na generalidade dos países civilizados – onde se cumpre a legislação sobre as diversas actividades industriais e se acautelam os impactos negativos sobre a natureza – em Portugal tudo se resolve graças à "boa-vontade" dos autarcas e dos construtores civis. A retirada de inertes do fundo dos rios altera profundamente os habitats, destrói a vegetação ribeirinha e mata uma considerável quantidade de seres vivos. Pouco importantes na contabilidade das empresas, mas fundamentais para o equilíbrio dos ecossistemas naturais.

Igualmente grave é a introdução nos nossos cursos de água de animais exóticos que vêm competir com as espécies autóctones. Ou que, pior ainda, vem alimentar-se de outros peixes e que, por não terem predadores naturais,



vão ocupar todos os ecossistemas dos rios. O achigã, o lúcio, a perca-sol ou o lagostim de rio são alguns dos exemplos, sempre trágicos para o Saramugo.

### Lutar contra a apatia

Defender o Saramugo não tem sido tarefa fácil. Quando a regressão da espécie se tornou evidente e preocupante, Maria João Collares-Pereira tentou sensibilizar os organismos oficiais que têm responsabilidades conservacionistas. Mas esbarrou com um muro de indiferença e os dois projectos que apresentou acabaram "esquecidos". Afinal de contas, se o ICN se mostra incapaz de defender espécies emblemáticas como o lobo, o linco ou as águias pesqueiras e de bonelli, porque haveria de se ter esperança que olhassem sequer para o pequeno Saramugo?

Mas a investigadora não baixou os braços e, em 1996, concorreu ao programa Life. Como resposta recebeu o conselho de se candidatar aos fundos estruturais disponíveis para a barragem do Alqueva. E foi isso que sucedeu, por iniciativa de Marques Ferreira, na época membro do conselho de administração da Empresa de Desenvolvimento das Infraestruturas do Alqueva (EDIA). "Durante seis meses, com a colaboração do ICN, fizemos o primeiro levantamento sobre a distribuição do Saramugo e concluímos que a espécie não estava presente na área de regofo da futura albufeira de Alqueva", explicou Collares-Pereira que recordou a reacção do presidente da EDIA, Adérito Serrão: "Fez um grande sorriso e desabafou: "Então não poderão acusar a barragem de extinguir o Saramugo".

Em 1997, Maria João Collares-Pereira apresentou uma nova candidatura ao programa Life e, durante estes três últimos anos, tem coordenado a equipa de investigadores que estudou o Saramugo. Foi um trabalho intenso, tendo-se realizado mais de mil amostragens em 220 sectores diferentes, distribuídos por 32 afluentes do Guadiana. Apesar do esforço, não se conseguiram capturar grandes quantidades de Saramugo, o que vem demonstrar a crescente raridade da espécie. "Utilizámos a pesca eléctrica e todo o peixe apanhado foi devolvido ao rio, com todo o cuidado para evitar baixas", explicou.

Graças a este trabalho, os investigadores e as autoridades conhecem com exactidão os principais locais de distribuição da espécie, bem como a sua biologia e ecologia. "Já conhecemos bem o peixe. Como se reproduz, o que come, quando tempo vive. Agora, este país já não tem desculpas: o Saramugo só não será salvo da extinção por inépcia dos responsáveis governamentais".

Com o fim do programa Life, a equipa da professora Maria João Collares-Pereira entregou às autoridades comunitárias e portuguesas um minucioso plano de gestão da espécie que, a ser concretizado irá permitir recuperar os cardumes de Saramugos. "Propusemos que as ribeiras mais importantes para a espécie sejam incluídas na Rede Natura. A área sul da bacia do Guadiana, o Caia e o Ardila devem ser objecto de atenção prioritária e, logo depois, deve-se investir na recuperação das zonas de fronteira, como o Chança e o Xévora. Elaborámos um plano de gestão para as sub-bacias mais importantes com núcleos de Saramugo, onde foram identificadas as

principais ameaças, quais as entidades que poderão actuar na zona e quais as medidas de protecção mais eficazes", sublinhou Collares-Pereira.

Para já, os investigadores só consideram úteis acções de repovoamento em ribeiras onde o Saramugo viveu até há pouco tempo. "A responsabilidade directa sobre os repovoamentos é da Direcção Geral de Florestas, mas o ICN e o INAG deveriam empenhar-se também na recuperação da espécie". O conhecimento sobre a reprodução natural e em cativeiro já existe e, agora, só faltam os meios", defendeu a investigadora, recordando que a Câmara de Moura já disponibilizou terreno e casa para um centro de reprodução e que, neste momento, falta apenas a EDIA declarar que continua interessada no projecto.

### Luz vermelha para o Alqueva

A EDIA é, aliás, uma peça-chave na preservação do Saramugo e de todas as outras espécies de fauna e flora presentes no vale do Guadiana. A barragem do Alqueva, se não forem respeitados os caudais mínimos ecológicos no período de estio, poderá aniquilar os mais importantes núcleos de Saramugo que sobrevivem a sul da futura albufeira. E a construção de um elevador de peixes adequado na barragem de Pedrogão é outra das medidas fundamentais para manter em contacto diferentes populações piscícolas do Ardila. "O Alqueva vai afectar directamente as espécies autóctones de bogas e barbos. E se o transvase para a bacia do Sado se concretizar, o impacto ambiental será brutal para os peixes, particularmente os da bacia receptora", afiança Collares-Pereira.

Certo é que a recuperação do habitat do Saramugo poderá salvar a espécie da extinção que se avizinha. Mas não só: "O pequeno Saramugo é o "chapéu de chuva" para outras espécies endémicas e com estratégias de vida semelhantes. Se recuperarmos as margens das ribeiras e a qualidade dos caudais, se disciplinarmos a extracção de areias e a captação de águas, estaremos a beneficiar todas as espécies que vivem do rio, incluindo o Homem. É que os cursos de água são locais lindos e podem voltar a ser usufruídos, com equilíbrio, pelas populações rurais". ■



*Salaria fluviatilis*

FILIPA FILIPE © 2000



*Chondrostoma willkommii*

FILIPA FILIPE © 2000



# Tribuna da N@TUREZA

## • Salvemos os peixes do Guadiana!

A poluição, a pesca desenfreada, a proliferação de barragens e diques têm matado o "grande rio do Sul". Ao longo das últimas décadas, o Guadiana tem ficado cada vez mais pobre. O esturjão (*Acipenser sturio*) desapareceu destas águas acastanhadas no início dos anos 80 e, desde essa época, nunca mais os pescadores do Guadiana se deliciaram com as ovas e a "carne" deste magnífico migrador que, por vezes, atingia os três metros e meio e cerca de 300 quilos.

As lampreias (*Petromyzon marinus*), os savéis (*Alosa alosa*) e as enguias (*Anguilla anguilla*) vão pelo mesmo caminho. As primeiras e os segundos, que usavam o rio para desovar, já não conseguem progredir pelo curso de água. Os açudes e as barragens constituem obstáculos intransponíveis e estas espécies correm o risco de desaparecer a curto prazo. As enguias que demandavam o Guadiana têm os mesmos problemas. Procuravam o rio durante a sua fase juvenil, com cerca de sete centímetros, e aí se mantinham até atingirem a maturidade e iniciarem a migração em direcção ao mar. Pequenas e de corpo transparente, estas enguias são localmente conhecidas por meixão e, apesar da sua pesca ser proibida, são consideradas um verdadeiro pitéu gastronómico. Os escassos pescadores que ainda subsistem no Guadiana garantem que os savéis, as lampreias e as enguias pouco sobem o rio e, em alguns anos, não conseguem pescar um único exemplar.

Agora, com o enchimento das comportas da albufeira do Alqueva, a situação irá piorar. Além do obstáculo que constitui o paredão da barragem, a enorme massa de água – o maior lago artificial da Europa – irá inundar as ribeiras que constituem a bacia do Guadiana e destruir galerias ripícolas e os locais de desova, alimentação e abrigo de muitas espécies de peixes. O barbo-focinho (*Barbus comiza*), o barbo-de-cabeça-pequena (*Barbus microcephalus*), o barbo-do-sul (*Barbus sclateri*), o barbo-de-Steindachner (*Barbus steindachneri*), a boga-do-Guadiana (*Chondrostoma willkommii*), a boga-de-boca-arqueada (*Chondrostoma lemmingii*), o escalo-do-sul (*Leuciscus pyrenaicus*) são algumas das espécies que, sendo já consideradas raras ou vulneráveis, correm o risco de extinção com o avanço do Alqueva. Tudo dependerá das medidas de minimização que a Empresa de Desenvolvimento de Infraestruturas do Alqueva (EDIA) decidir implementar no terreno. Mas as associações ambientalistas e os cientistas estão muito pessimistas. Para terem impacto, as acções de conservação teriam de ser concretizadas à mesma escala da destruição prevista e isso custa dinheiro. Muito dinheiro. E para quê gastar tanto dinheiro a proteger as espécies autóctones do Guadiana, se os peixes exóticos introduzidas no rio – como o achigã, o lúcio ou as carpas – encontrarão ainda mais espaço para aumentar o seu número e fazer as delícias dos pescadores desportivos? ■

P. C.

Nesta segunda breve volta ao mundo por cabos e linhas telefónicas, Tribuna da N@tureza deparou-se com páginas deveras estranhas, quer pela pobreza quer pelo conteúdo. A poluição afecta gravemente o planeta virtual. Porém, legítimas manifestações de boa vontade em contribuir para a protecção da vida selvagem donde que merecedoras do nosso perdão... Mais sóbrias, outras, que nos levam a elas voltar regularmente.



Descobrimos em <http://www.tc.umn.edu/~devo0028/> uma página norte-americana dedicada à informação sobre recuperação de animais selvagens, explicando o que fazer no caso de se encontrar um animal ferido ou uma cria orfã. Muitas espécies abordadas não pertencem à nossa fauna mas há sempre procedimentos comuns. Nela encontrará também muita informação sobre resolução de situações tais como "lidar com o ruído provocado pela fauna selvagem", repelir animais selvagens ("coelhos atacam a minha plantação de cenouras"), etc. (Obs.: Tribuna da Natureza gostaria de poder receber cartas dos leitores queixando-se "do uivo constante todas as noites perto de minha casa. Que posso fazer sem prejudicar a alcateia?" ou questionando-nos "como enxotar os galos-silvestres do meu quintal?" Aí sim, esta publicação quase perderia a razão de existir...). Na mesma página encontrará informação sobre o que pode fazer para ajudar a vida selvagem, histórias e fotografias de reabilitação de animais, livros e muito mais (incluindo, para os aficionados, um canal de chat).

A National Wildlife Federation (NWF), também dos EUA, pode ser encontrada em <http://www.nwf.org/wildolive/>. Nela encontrará diversa informação sobre campanhas (Keep the Wild Alive), links diversos, e mesmo uma espécie de manual on-line de construção e manutenção de um refúgio para a vida selvagem em casa: como atrair os animais, manter um registo da fauna e flora do jardim, etc. Começando com um nível básico, em <http://www.nwf.org/habitats/backyard/basics.cfm>, avança a partir daí para outros níveis.

A não necessitar de apresentações, a National Geographic tem a sua página no endereço <http://www.nationalgeographic.com/>, ricamente recheada de informação e fotografias. Obrigatória. Também dispensando mais palavras, a WWF (World Wildlife Fund), em <http://www.wwf.org>. Notícias e campanhas.

É sempre bom ter a noção da finita dimensão do nosso planeta. Visite-se para tal o Observatório da Terra (Earth Observatory) em <http://earthobservatory.nasa.gov>, organismo, como se pode depreender, da NASA.

Cinjamo-nos agora às aves, matéria já abordada na primeira edição desta rubrica. Visite-se com prazer <http://www.birdcare.com/birdon/encyclopedia/>, onde encontraremos uma enciclopédia sobre como proteger as aves. Imensos artigos (uns melhores que outros, como tudo...) e ligações dedicados à observação e protecção de aves podem ser descobertos em <http://birding.about.com/hobbies/birding/mbody.htm>. Se seguiu a série documental The Life of Birds, encontrará o rosto familiar de David Attenborough, aliás Sir David A., numa das páginas da PBS (canal de televisão Norte Americano), <http://www.pbs.org/lifeofbirds/index.html>, e alguns artigos interessantes sobre aspectos diversos relativos às aves, sua evolução, etc. A visitar.

A revista britânica Birdwatch está também, parcialmente, online, em <http://www.birdwatch.co.uk/>. A British Trust for Ornithology (BTO, uma das infindáveis trusts britânicas) encontra-se em <http://www.bto.org/>. O Fatal Light Awareness Program (FLAP), canadiano, com porta de entrada em <http://www.flap.org/>, deve ser visitado. Promove o uso cuidadoso da iluminação pública de modo a evitar os frequentes acidentes ou desorientações nas aves ou outros animais (tema, aliás, abordado no nº 2 da TN relativo, dessa vez, à protecção do céu nocturno). Cheio de informação útil, daquela que faz falta: medidas tão simples que nos questionamos porque não foram já implementadas. E se acha que já viu de tudo, dê uma saltada a <http://www.biconet.com/birds/terrorEyes.html>.

Raul Lima

rlim31@hotmail.com







**SMAS**  
Município do Porto

# O Rio Douro regressa às origens

## Projecto de despoluição do Rio Douro

A ETAR de Sobreiras vai tratar os esgotos da zona ocidental da cidade do Porto e será construída na freguesia de Lordelo do Ouro, nos terrenos ocupados pela actual Central de Sobreiras. Tal como a Etar do Freixo, que entrou em funcionamento no ano transacto e que trata os esgotos da zona oriental, esta instalação encontra-se inserida dentro da malha urbana da cidade, pelo que o processo de concurso foi muito exigente quanto à minimização dos impactes ambientais associados a este tipo de infra-estruturas, nomeadamente odores, ruídos e integração arquitectónica, urbanística e paisagística.

Quanto ao tratamento, abrangerá as linhas líquida e de lamas e o tratamento de odores.

A ETAR encontra-se em fase de construção, prevendo-se a entrada em funcionamento no primeiro trimestre de 2002. As restantes componentes deste sub-sistema são o interceptor litoral (Foz), o interceptor marginal (Douro) e o colector geral da zona norte.

A verba total prevista para este conjunto de investimentos é de 6.475.000 contos.

Rua Barão de Nova Sintra, 285  
Apartado 3246  
4031 - 654 Porto

Tel 22 519 08 00  
Fax 22 519 08 50  
www.smasporto.pt  
smasp@mail.telepac.pt

PROJETO CO-FINANCIADO PELA UNIÃO EUROPEIA  
FUNDO DE COESÃO

DEENAGEM E TRATAMENTO DE ÁGUAS RESIDUAIS DO GRANTIE PORTO SUL  
DESPOLUIÇÃO DO TROÇO FINAL DA BACIA DO DOURO - SUBSISTEMA DO PORTO ORIENTAL



NESTE INVERNO EM POUCAS PALAVRAS

**ALQUEVA** Para as associações ambientalistas, chegou a hora de dizerem o que pensam sobre a barragem do Alqueva e seus efectivos impactes ambientais. Não que não o tivessem feito já. Mas após três anos de participação leal na Comissão de Acompanhamento das Infra-Estrutura do Alqueva (CAIA), os representantes ambientalistas entenderam pronunciar-se também sobre as reais possibilidades de, ao menos, serem minimizados os efeitos daquele empreendimento.

Em comunicado conjunto, CEAI, FAPAS, Quercus, LPN e Geota reafirmam que "este empreendimento é representativo de uma política que evita debater a insustentabilidade de um modelo de desenvolvimento urbano-turístico e em especial de regadio, com fortes riscos ambientais e sentidos especulativos e economicistas, em que se visa uma estratégia de oferta de água e não uma estratégia de procura".

Não pondo em causa a necessidade de uma reserva estratégica de água para o Alentejo, as associações consideram que "existem soluções alternativas com menores custos ambientais, pelo que continuam a contestar o enchimento imediato da barragem à cota 152 m, propondo em alternativa um enchimento faseado, ajustando a oferta às necessidades, iniciando-se pela cota 139m, e enchendo depois progressivamente de acordo com as necessidades e se tal se justificar".

Depois de uma ampla justificação desta proposta em termos económicos e sociais, as ONGA partem para os aspectos ambientais. Aí revelam as consequências do enchimento imediato à cota máxima prevista, como sejam "a alteração de todo o regime de caudais a juzante, causando alterações nas comunidades biológicas existentes, com particular relevância para o meio estuarino, zona de grande produtividade biológica".

Além disso, os ambientalistas alertam para o facto de o enchimento faseado poder evitar a desmatção imediata de 5500 hectares, com extensas zonas de montado de sobre e azinho e galerias ripícolas importantes e a destruição de importantes habitats.

O comunicado chama ainda a atenção para os perigos do transvase Guadiana-Sado, que afectará irreversivelmente a fauna piscícola dos dois rios, onde se contam vários endemismos.

**MONTADOS** Os sobreiros e as azinheiras são árvores protegidas por lei em Portugal (decreto-lei n.º 11/97, de 14 de Janeiro) pela sua importância ecológica e económica. Essa protecção legislativa não foi suficiente para deter os avanços destruidores. Através dos evidentes buracos da legislação, foram concretizadas centenas de abates de sobreiros - essencialmente para urbanizar.

Tendo passado três anos sobre o referido decreto-lei, foi anunciada a intenção governamental de promover alterações no seu articulado, alegadamente para permitir a adaptação a novas realidades e a novas pressões que se fazem sentir. Só que algumas propostas já conhecidas parecem apontar para a abertura de "excepções" na protecção dos montados que podem - é essa a opinião da Quercus, expressa em comunicado - abrir vias a novas destruições, nomeadamente viabilizando cortes justificadas por empreendimentos turísticos e agrícolas, desde que considerados de relevante "interesse nacional" e mesmo "local", em certos casos.

A Quercus alega que estas disposições, assim como a possibilidade, também proposta, de autorização automática de cortes de sobreiros em zonas urbanizáveis dos planos directores municipais, "vão legitimar todos os desejos das autarquias, que vão reformular ou rever os seus PDM de forma a poder considerar urbanas ou urbanizáveis áreas de sobreiros e azinheiras, e assim legalmente poderem acabar com essas áreas de montado".

Estas alterações à legislação são firmemente rejeitadas, não apenas pelos sectores ambientalistas mas ainda por muitos técnicos florestais e pelos industriais da cortiça que não querem ver esta riqueza nacional substituída por urbanizações e campos de golfe.

**BRASIL** Cientistas americanos lançaram o alerta através das páginas prestigiadas da revista "Science". Um plano brasileiro no valor de 40 mil milhões de dólares, que prevê a construção de auto-estradas, linhas de caminho de ferro, projectos hidroeléctricos e, por arrastamento, um grande aumento populacional, poderá prejudicar seriamente os esforços de preservação da região Amazónica. "Se não for de algum modo travado ou reduzido, destruirá em breve a maior floresta tropical do planeta" afirmam os investigadores autores do artigo.

O projecto, chamado "avança Brasil" tem para os próximos sete anos, como objectivo o rápido crescimento de infra-estruturas para um maior "desenvolvimento" da região amazónica, mas os estudos publicados na "Science" demonstram que os bem-intencionados programas de conservação em curso na Amazônia são totalmente inadequados para contrariar a destruição ambiental causada pela agricultura e pelas indústrias de madeira e minas.

Segundo os investigadores, é possível estabelecer cenários mais ou menos pessimistas sobre o futuro da floresta amazónica, utilizando a recolha de dados por satélite, para avaliar as consequências da aplicação de modelos não/sustentáveis de desenvolvimento daquela imensa área (com o projecto "avança Brasil" em posição destacada).

O cenário menos optimista conclui que, apenas cinco por cento da região manterá a floresta primitiva e que mesmo assim, 42 por cento dessa área restante estará bastante degradada no ano de 2020.

A taxa actual de destruição da floresta amazónica é de cerca de 20 milhões de hectares por ano. A implementação do projecto "avança Brasil" permitirá uma aceleração desse ritmo de devastação - já agora o maior do mundo.

**TERRA** - O último relatório anual da organização de defesa ambiental Worldwatch Institute pinta um quadro negro da evolução global dos problemas ecológicos.

O estudo refere o degelo do Ártico, o desaparecimento dos anfíbios em muitas regiões do mundo e a destruição dos recifes de coral como "sinais de degradação ambiental". Esses sinais coincidem com a evidente incapacidade dos Governos para lidarem com fenómenos como o aquecimento da Terra, vulgo "efeito de estufa", como ficou infelizmente demonstrado com o recente fracasso da Cimeira de Haia sobre o controle da emissão de gases que provocam as alterações climáticas.

Os anfíbios são mencionados com destaque no citado relatório. O seu comprovado declínio acontece em pontos muito distantes, sem que se conheçam ao certo as causas dessa catástrofe, em todo o caso certamente relacionados com uma preocupante conjugação de factores negativos.

No trabalho do Worldwatch Institute, os anfíbios são considerados uma espécie de "barómetro do estado de saúde da Terra" pelo facto de serem mais sensíveis ao stress ambiental que outros organismos.

Quanto aos recifes de coral, eis outro sinal inquietante, pois constituem "um elemento vital da saúde do sistema oceânico em geral". De acordo o relatório, 27 por cento dos recifes terão já morrido e uma grande parte dos restantes mostra sinais de doença, sendo a causa principal o aumento da temperatura.

# Escaparate



**"LIBERNE"** é um dos mais antigos e persistentes títulos da imprensa ambientalista portuguesa. O que não admira: é a revista da Liga para a Protecção da Natureza (LPN) associação com mais de meio século de actividade em prol da defesa do ambiente e dos valores naturais no nosso país. Com boa apresentação gráfica e diversificada informação, o "Liberne" não é fácil de encontrar nas bancas mas é distribuído aos sócios da LPN, constituindo um importante meio de comunicação associativa.

LPN Estrada do Calhariz de Benfica,  
187-1500/124 Lisboa  
Telephone: 217780097.  
E-mail: lpn.natureza@mail.telepac.pt



**"DELPHIS"** - O boletim do Centro de Estudos dos Mamíferos Marinhos - projecto Delfim, reflecte as preocupações e as actividades desta "associação científica, sem fins lucrativos, criada em 1992 e reunindo investigadores, estudantes, simpatizantes e instituições". O seu objecto é dar a conhecer os "mamíferos marinhos no seu meio natural". O n.º 3 de "Delphis" cumpre a função falando-nos dos "Cetáceos em perigo", de "eco-turismo" e da "colónia de lobos-marinhos das Desertas".

Projecto Delfim - Apartado 23051,  
1147-601 Lisboa.  
E-mail: projectodelfim@apoiologico.pt



**"FAPAS"** - Desta vez, é do FAPAS espanhol e asturiano que falamos. Infatigáveis lutadores pela causa dos ursos cantábricos (última população viável desta espécie em terras ibéricas) os animadores desta organização não deixam créditos por mãos alheias. O boletim "FAPAS" conduz-nos por estratégias, implantadas já no terreno, para colocação de colmeias em territórios "urseiros", consideradas importantes para assegurar a sobrevivência destes grandes animais. Bom trabalho, FAPAS!

FAPAS - La Pereda s/n 33509 La Pereda,  
Llanes - Asturias, Espanha.  
E-mail: fapas@quercus.es



**"OZONO"** - Ambicioso projecto editorial da área ambientalista, revista de ecologia, sociedade e conservação da natureza, - conforme a si própria se designa, "Ozono" apareceu recentemente nos postos de venda. É mensal, tem como director Paulo Trancoso, o director editorial é David Travassos. De destacar a excelente concepção gráfica e o eclectismo das abordagens: como exemplo, o n.º. 4 inclui matérias sobre "Portugal - recordista mundial em eucaliptos", um "dossier" sobre "os partidos verdes na Europa" e um bem documentado trabalho sobre "o declínio dos anfíbios".



# Agenda

**JORNADAS** - Organização do FAPAS, as **2<sup>as</sup> Jornadas sobre Conservação da Natureza** terão lugar em **S. Pedro do Sul**, dias **16 e 17 de Março**. Assuntos em debate: recursos naturais, natureza e ameaças, áreas protegidas. Contactos: FAPAS, telefone: 222002472, fax: 222087455, E-mail: fapas@mail.esoterica.pt

**INTERIOR** - O Parque Natural do Douro Internacional e o Instituto de Conservação da Natureza organizam o seminário "**Avifauna aquática em zonas húmidas do interior**", que decorrerá em **Figueira de Castelo Rodrigo**, a **28 e 29 de Abril de 2001**.

O objectivo da iniciativa é divulgar os resultados dos trabalhos desenvolvidos em Portugal e na Comunidade espanhola de Castela Leão e promover o debate acerca da sustentabilidade das actividades humanas em zonas húmidas como as albufeiras e açudes do interior norte e centro.

Informações (**pré-inscrição até 31 de Março**): Parque do Douro Internacional/ICN - Rua de Santa Marinha, 4 - 5200 Mogadouro, telefone: 271313382 fax: 271313382, e-mail: pndi@icn.pt

**CASTRO VERDE** - A zona de protecção especial (ZPE) de Castro Verde é a área mais importante de Portugal para a conservação das aves estepárias.

As **1<sup>as</sup> Jornadas Ambientais de Castro Verde**, nos dias **16-18 de Fevereiro**, naquela localidade alentejana, pretendem promover a participação de toda a população na dinamização ambiental da região. As jornadas incluirão ateliers, saídas de campo, mesas redondas e outras actividades culturais.

Informações: **Liga para a Protecção da Natureza (LPN)** - telefone: 217780097. E-mail: lpn.natureza@mail.telepac.pt

Esta associação é também promotora, com a revista Super Foto Prática, do **Curso de introdução à fotografia de natureza e vida selvagem**. Destina-se a iniciativa a fornecer as bases das técnicas de fotografia de natureza, começando pela teoria fotográfica e indo até a técnicas criativas avançadas. Metade do curso terá lugar no campo, em sessões de trabalho, e decorrerá na **sede da LPN, à Estrada do Calhariz de Benfica, 187**, em Lisboa, nas seguintes datas: **1<sup>o</sup> curso - 31/3 e 1,7 e 8/4/2001, 2<sup>o</sup> curso - 5,6,12 e 13/05/2001**.

**ZONAS HÚMIDAS** - No **dia 2 de Fevereiro** celebra-se o **Dia Mundial das Zonas Húmidas**, assinalando o **30<sup>o</sup> aniversário da Convenção de Ramsar**, acordada em 1971.

O lema para este ano será "**o mundo das zonas húmidas - um mundo por descobrir!**", segundo informação divulgada pela secretaria-geral do gabinete da Convenção.

Divulgar publicamente o valor e a importância das zonas húmidas, não apenas para a biodiversidade, mas para assegurar a manutenção de muitas actividades humanas é o objectivo estabelecido pelo gabinete internacional encarregado da dinamização da efeméride.

Informações: Gabinete Convenção Ramsar - Rue Mauverney, 28, CH- 1196 Gland, Suíça. Telefone: (+41)22/9990170. E-mail: ramsar@ramsar.org Web site: [http://ramsar.org/wwd2001\\_index.htm](http://ramsar.org/wwd2001_index.htm)

**ÉTICA** - O colóquio "**ética ambiental: uma ética com futuro**" é uma iniciativa do **Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa** e terá lugar, dias **8 e 9 de Março**, em Lisboa. Pretende-se dar a conhecer as principais questões que se prendem com a ética ambiental, disciplina que se ocupa da responsabilidade pelo futuro da humanidade e do planeta.

Tel/fax: 217920091, E-mail: [centrofilosofia@clix.pt](mailto:centrofilosofia@clix.pt)

**SIMPÓSIO** - "**Island Ecosystems - A Conservation and Molecular Approach**", Funchal (Madeira) **5 a 9 de Março de 2001**. Organização: Centro de Ciências Biológicas e Geológicas da Universidade da Madeira. Informações: Mafalda Fonseca e Isabel Marques, telefone: 291233229 / 291231101

ASSINATURAS

TRIBUNA DA  
**NATUREZA**  
 A VIDA SELVAGEM NAS QUATRO ESTAÇÕES

Receba em casa a vida selvagem nas quatro estações

Nome \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Código Postal \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

Localidade \_\_\_\_\_

Quatro Números: 1500\$00 • Pedidos a: Tribuna da Natureza

Rua Alexandre Herculano, 371 - 4<sup>o</sup> Andar Dto. 4000 PORTO

Tel. 22 200 24 72 - Fax 22 208 74 55 • E-mail: [fapas@mail.esoterica.pt](mailto:fapas@mail.esoterica.pt)

# Natureza notável

## O CARVALHO DE RIBOLHOS



Luís Rodrigues

Este gigantesco Carvalho-roble ou Carvalho-alvarinho (*Quercus robur* L.), situa-se na freguesia de Ribolhos, concelho de Castro D'Aire, com as dimensões de 5.9 metros de perímetro (a 1.3 metros do solo), 21 metros de diâmetro de copa, e cerca de 22 metros de altura. Figura entre os maiores desta espécie no nosso país e está classificado como "árvore de interesse público". Apesar da avançada idade encontra-se em muito bom estado de conservação, sem existirem factores de perturbação que possam pôr em risco a boa saúde de que goza.

Esta árvore, símbolo da aldeia, é muito estimada pelos seus habitantes que estão cientes do grande valor natural que a aldeia acolhe. No mês de Agosto, realiza-se sob a sua frondosa copa uma missa campal em honra da N. Sr.<sup>a</sup> do Amparo, padroeira da aldeia.

Localmente o carvalho é conhecido como "Árvore do povo" ou "Carvalho da N. Sr.<sup>a</sup> do Amparo".

Luís Rodrigues

Cirurgião de árvores

Luísa Marques

Bióloga

TRIBUNA DA N.º 6 Primavera 2001

**NATUREZA**  
 A VIDA SELVAGEM NAS QUATRO ESTAÇÕES

Na próxima  
**Primavera**

## Destaques:

- Peneda-Gerês: do mito à realidade
- O melro-d'água
- Micromamíferos em Portugal





António Eloy

## Os últimos dias antes do

# ALQUUEVA

O sentido da decisão final tomada para um determinado projecto é ditado pela valorização dos interesses (que crescem com a grandeza do empreendimento) que quem detém esse poder, define, hierarquizando-os.

Sendo a preservação da biodiversidade e o impacto da mancha de água que irá submergir uma vastíssima área

de Natureza irrepitível, definitivamente inconciliáveis, o futuro dirá que sentido fez a escolha que faz deste início de milénio o fim de um Alentejo que vai deixar de ser "profundo". Ou talvez não. Tudo depende da "profundidade" que não se quer e da profundidade com que se fala.

(ver Destaque - Defesa da natureza)

Miguel Dantas da Gama

